

UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO

**Um portal sensorial: Meditações etnográficas a partir de
um retiro espiritualista em Minas Gerais.**

Laryssa Owsiany Ferreira

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**UM PORTAL SENSORIAL: MEDITAÇÕES ETNOGRÁFICAS A
PARTIR DE UM RETIRO ESPIRITUALISTA EM MINAS GERAIS.**

LARYSSA OWSIANY FERREIRA

Sob a orientação da professora
Carly Barboza Machado

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

Seropédica, RJ
Fevereiro de 2019

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383p Ferreira, Laryssa Owsiany, 1994-
Um portal sensorial: meditações etnográficas a
partir de um retiro espiritualista em Minas Gerais. /
Laryssa Owsiany Ferreira. - São Lourenço, 2019.
80 f.: il.

Orientadora: Carly Barboza Machado.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de pós-graduação em
ciências sociais, 2019.

1. consciência prânica. 2. sensorialidade. 3.
corpo. 4. espiritualidade. I. Machado, Carly Barboza,
1975-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de pós-graduação em ciências
sociais III. Título.

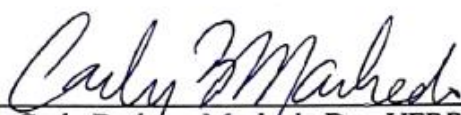


UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LARYSSA OWSIANY FERREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.


DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 25/02/2019



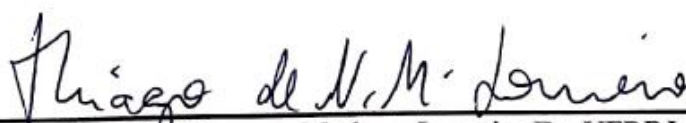
Carly Barboza Machado Dra. UFRRJ
(Orientadora)



Paola Lins de Oliveira Dra. UERJ



Rodrigo Ferreira Toniol Dr. Unicamp



Thiago de Niemeyer Matheus Loureiro Dr. UFRRJ

Dedico esta dissertação ao Portal Parvati e
à memória de Marielle Franco.

AGRADECIMENTOS

"Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração."

(O livro dos abraços – Eduardo Galeano)

Carly Machado me ajudou a juntar todos os meus pedacinhos, e a acreditar em um fazer antropológico em que eu não precisasse necessariamente divorciar a razão do coração. Todos os agradecimentos do mundo não são suficientes pelo privilégio de a ter como minha orientadora. O processo de escrita não é confortável, é cheio de inseguranças e enormes desafios. Obrigada por acreditar em mim, me inspirar tanto e não me deixar desistir quando tudo parecia desmoronar.

Palavras também não são suficientes para agradecer meu namorado, Henrique Bresolin que pacientemente compartilhou comigo todas as inquietações, desânimos e alegrias desta trajetória.

Obrigada à toda minha família pelo suporte e principalmente ao meu pai, sem ele minha pesquisa não teria sido possível. Meu pai passou horas em trabalho de campo meditando ao meu lado e seu olhar etnográfico era por vezes, bem mais sensível que o meu.

Esta dissertação também não seria possível sem o apoio dos meus amigxs que perdoaram todas as minhas ausências e não arredaram o pé do meu lado, principalmente na reta final. Na minha bolha, felizmente ninguém solta a mão de ninguém. ♥ ♥

À republica O Cortiço que foi meu lar por 8 anos em Seropédica meu mais sincero amor, apesar de tanto perrengue eu vivi os melhores dias da minha vida lá.

Um beijo muito especial para o corpo docente do curso de Ciências Sociais da Rural, que desde a graduação me formou como pesquisadora e como pessoa. Tem um cadinho de cada um deles nesta pesquisa, em especial à professora Nalayne Mendonça Pinto e à professora Flávia Braga Vieira que são grandes inspirações e me mostram todos os dias que a vida acadêmica se faz com muito afeto, muita militância, e muito trabalho que transpõe as barreiras do lattes.

As burocracias mais trabalhosas se tornam pura diversão quando são visitas ao Lima, o melhor secretário do mundo. A paciência e o cuidado com todos os alunos do PPGCS são mais do que admiráveis.

Gratidão à comunidade Aham Prema e ao Portal Parvati por tanto carinho. Extremamente inspirada por Tim Ingold (2017), nesta dissertação praticar a antropologia significou estudar **com** as pessoas – e não produzir estudos **a partir** delas. “*Observar não precisa necessariamente*

objetificar, a observação participante não é uma técnica de coleta de dados, mas sim um compromisso ontológico.”¹

Por fim, agradeço a leitura atenta e generosa da banca examinadora e todas as contribuições para a composição da versão final do texto.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001, a qual também sou infinitamente grata.

¹ Ver INGOLD, TIM. Antropologia versus etnografia. *Cadernos de campo*, São Paulo, n.26, v.1, 2017.

RESUMO

FERREIRA, Laryssa Owsiany. **Um portal sensorial: Meditações etnográficas a partir de um retiro espiritualista em Minas Gerais**. 2019. 81p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

O presente trabalho resulta de uma pesquisa sobre o Portal Parvati, localizado na Comunidade Aham Prema. Conhecido por ser um dos poucos lugares no mundo onde é possível vivenciar-se a experiência do Processo de 21 dias - Prana Prasakti – o Portal Parvati situa-se na cidade de Soledade de Minas, em Minas Gerais. O Prana Prasakti é uma experiência de reprogramação física, energética, mental e espiritual. Este trabalho conta um pouco da história do Portal Parvati, e de sua criação pela família responsável por suas atividades. Procurando tomar como fio condutor da pesquisa uma antropologia atenta aos sentidos e à sensorialidade, este estudo apresenta o Processo de 21 dias - Prana Prasakti – buscando analisar esta experiência a partir de debates mais clássicos acerca da relação entre alimentação e religião e, de forma mais sutil, capturar aspectos deste processo mais diretamente relacionados à experiência do sabor, do gosto e do paladar. Ainda a fim de apresentar aspectos centrais da experiência vivenciada, este estudo dedica-se às experiências sonoras vivenciadas no Portal Parvati, tomando por foco as orações, os silêncios, e a concepção nativa de “alimentação da egrégora”. Finalizando, aborda-se a experiência do tato, da importância da pele, dos pés (do caminhar, do chão) e das mãos no desenvolvimento da consciência de si, e do auto-desenvolvimento.

Palavras chave: consciência prânica; corpo; sensorialidade; espiritualidade

ABSTRACT

FERREIRA, Laryssa Owsiany **A sensorial portal: Ethnographic meditations from a spiritualist retreat in Minas Gerais**. 2019. 81p. Dissertation (Master Science in Social Sciences) Institute of Humanities and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

The present paper is a result of the research about the Portal Parvati, located in the Aham Prema Community. The place is known for being one of the few places in the world where it is possible to be part of the experience of the 21-Day Process - Prana Prasakti - the Parvati Portal is in the city of Soledade de Minas, Minas Gerais. Prana Prasakti is an experience of physical, energetic, mental and spiritual reprogramming. This paper reports the history of Portal Parvati, and about its creation by the family in charge of the mentioned activities. The research uses, as a guiding methodology, anthropology concerned about senses and sensoriality, this study presents the 21-Day Process - Prana Prasakti - seeking to analyze this experience using classic debates about the relationship between food and religion and, in a subtle perspective, capture aspects of this process more directly related to the experience of flavor, taste and palate. In order to present central aspects of the experience, this study is dedicated to the sounding experiences experienced in the Portal Parvati, focusing on the prayers, silences, and the native concept of "egrégora feeding". Finally, the experience of touch, the importance of the skin, the feet (the walking, the floor) and the hands in the development of self-awareness and self-development.

Key words: pranic consciousness; body; sensoriality; spirituality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
A comunidade Aham Prema e a descoberta do Portal Parvati	3
O Dharma da família	7
O que é o processo de 21 dias / Prana Prasakti?	14
I – O MUNDO TEM FOME DE AMOR – O RITUAL DO PRANA PRASAKTI	21
1.1 O processo ritual: “a mesa de cirurgia da natureza que opera sem bisturi”	22
1.1.1 – A primeira semana	26
1.1.2- A segunda semana	29
1.1.3- A terceira semana	30
1.2 Você tem fome de quê? O desejo de sentir sabores	32
1.3 Fome de gente: saboreando a socialização	34
1.4 “Não é o não comer que promove a felicidade, mas é a felicidade que pode permitir o não comer”	36
II - O “OM” INCESSANTE DAS CIGARRAS: A ORAÇÃO NO PORTAL PARVATI E AS EGRÉGORAS	41
2.1 Onde os “hippies” moram?	41
2.2 Meu pai e as orações	45
2.3 Orações, sons e silêncios	47
2.4 Alimentando a egrégora	49
2.5 O som que circula	51
III- APOSTANDO CORRIDA COM FORMIGAS: PÉS DESCALÇOS PARA UMA VIDA PRÂNICA	54
3.1 O caminho e o caminhar	55
3.2 Labirintos: o andar circular e o caminho até o centro de si	57
3.3 Pés, mãos, tato e o corpo secular	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	71

INTRODUÇÃO

Visões de um mundo sem fome, alimentação prânica, padrões vibratórios de felicidade, expansão de consciência, respiratorianismo, poder de auto regeneração, cura planetária, registros *akáshicos*, portais interdimensionais, crianças estelares, reprogramação orgânica, inédia, são apenas alguns dos temas que atravessam o imaginário de minha dissertação. A narrativa do surgimento da comunidade alternativa *Aham Prema*, do *Portal Parvati* e a construção das questões teóricas que procuro desenvolver neste trabalho giram em torno de uma família. Assumindo a sugestão das correntes antropológicas que evidenciam as posições de pesquisa, descreverei este trabalho explicitando minha relação com o campo, o motivo da escolha do tema e como tal inserção possibilitou as reflexões aqui desenvolvidas.

Procuro inseri-lo no debate do que vem sendo categorizado como uma antropologia sensorial, propondo uma análise que dialogue dimensões corporais, subjetivas e “sensacionais”¹ com a cosmologia de um ritual desenvolvido em um retiro espiritualista na comunidade alternativa mencionada acima. O despertar dos sentidos e o modo como corpos em reprogramação orgânica, energética, mental e espiritual ocasionam uma expansão de consciência constituem o pano de fundo desta pesquisa. Presumindo que o nosso conhecimento seja fundado em uma experiência sensorial e ainda assim parece que “*a única coisa não percebemos é a própria percepção*” (INGOLD, 2008 p.1), me desafiei a vivenciar a etnografia experimentando realidades alternativas pela imaginação e não somente pela reflexão.² De acordo com Tim Ingold (2008), a percepção não é uma operação “dentro-da-cabeça”, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo. O autor afirma que há um certo modo de imaginar o sujeito humano como um lugar de consciência, limitado pela pele e definido em oposição ao mundo, que está profundamente sedimentado no pensamento ocidental tradicional. A classificação ocidental dos sentidos em visão, tato, olfato, paladar e audição não é universal.

The sensory experience of the natural and social world passes through culture. The sensorium fuses physiology with culture in specific forms of classification, encoding, social practice, power, agency and negotiation. (...) Furthermore, cultures may combine sensory perceptions in unique ways, and even individuals may do so when

¹ Ver MACHADO, Carly. *Religião e Mídia: reflexões de uma mente inquieta e o desafio de uma antropologia “sensacional”*. Campos 16(2):138-144, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/53445>> Acesso em: Jan /2019.

² Somada a uma literatura de antropologia de mundos possíveis, o conceito de experiência de pensamento foi extremamente útil para a construção de minhas “meditações etnográficas” aqui apresentadas. “*A 'experiência de pensamento' não tem aqui o sentido usual de entrada imaginária na experiência pelo (próprio) pensamento, mas o de entrada no (outro) pensamento pela experiência real: não se trata de imaginar uma experiência, mas de experimentar uma imaginação.*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002 p. 123)

equipped with the synesthetic ability to taste, smell, or see sounds. The difficulty of conveying the senses in a written narrative has drawn anthropology to other media such as photography, filmmaking, and sound recording. (ROBBEN, 2012, p.444)

Ciente das críticas de que a antropologia dos sentidos permanece totalmente comprometida com uma versão cartesiana do dualismo mente/corpo, procurei me atentar para “*variedades da experiência sensorial geradas no curso do envolvimento corporal prático das pessoas com o mundo ao seu redor e com o modo como essa experiência é ordenada e ganha significado*” (INGOLD, 2008 p.44). Robben (2012) nos mostra que o trabalho de campo etnográfico é geralmente pré-estabelecido em um texto, mesmo que a experiência sensorial do mundo tenha um alcance que vai muito além da expressão verbal, ou escrita. A proposta desta “experiência de pensamento” complementa minha escrita com gravações sonoras e com fotografias que foram capturadas com uma câmera. A princípio tal informação não parece relevante, porém é importante afirmar que eu jamais utilizei celular dentro do Portal Parvati para que não interferisse no campo eletromagnético do local.

Na antropologia, a leitura dos diários de campo, a imersão no material coletado e, principalmente, a própria escrita etnográfica revive o trabalho de campo³, e fazem com que sejamos afetados de novo. Márcio Goldman (2003) afirma que há uma hipótese, hoje na moda, de uma distância quase infranqueável entre a experiência do trabalho de campo e a escrita etnográfica. Tais experiências ao serem revividas no momento da escrita fazem com que a desterritorialização sofrida no campo possa encontrar um novo solo onde se reterritorializar. O antropólogo defende que num registro menos acadêmico, sempre imaginou que as técnicas de trabalho de campo se assemelhavam muito ao que se denomina, no candomblé como “catar folha”: alguém que deseja aprender, deve perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunindo (“catando”) pacientemente os detalhes que recolhe aqui e ali (as “folhas”) com a esperança de que, em algum momento, uma síntese plausível se realizará. Conduzi meu trabalho de campo de forma muito semelhante. A maior parte das experiências revividas aqui nesta dissertação foram obtidas através de uma etnografia realizada ao longo de aproximadamente dois anos catando folhas junto ao Portal Parvati. Somado a estas experiências na comunidade Aham Prema, participei de diversos grandes eventos⁴ dentro do circuito de praticantes de meditação, curadores prânicos, veganismo, yoga e terapias holísticas.

³ Ver os diários revisitados de Darcy Ribeiro descritos em MAGNANI, J. G. 1997. O velho e bom caderno de campo. *Revista Sexta Feira*, n.1, p. 8- 12, maio 1997.

⁴ Como por exemplo, o Rio Desperta 2018 – maior evento de meditação já realizado no país. O evento contou com presenças internacionais e durou cerca de dez horas reunindo sete diferentes tradições de meditação na cidade

A comunidade Aham Prema e a descoberta do Portal Parvati

Existem muitas formas de contar a história do surgimento da comunidade Aham Prema. A narrativa aqui apresentada tem como protagonismo uma família. Os fatos expostos a seguir são relatados por Oberom no livro viajando na luz e somados a diversas conversas com moradores locais que com muito orgulho recontam a trajetória da comunidade sempre que possível. Elcy Sideral, que é natural de São Paulo, capital, depois de anos morando em Londres e rodando a Europa, despertou para uma “nova consciência”, em que o sistema já não era mais uma opção e juntou-se a muitos jovens que tinham Paz e Amor como lema. Após assistir ao último show do Led Zeppelin em sua formação original, na Inglaterra, decidiu voltar à Terra a Natal. Com um diploma de Língua Inglesa e experiências que lhe dariam vantagens no mercado de trabalho, Elcy tinha o perfil de uma pessoa “bem-sucedida”, mas optou por abandonar a cidade e, no dia 4 de dezembro de 1982, foi com mais três amigas viver junto à natureza no interior de Minas, fundando assim a comunidade *Aham Prema*⁵.

Paralelamente, Paulinho Sideral, professor formado na Belas Artes em São Paulo viajava por aí de carona. Casou-se aos 21 anos e, depois de nascer seu terceiro filho resolveu buscar uma maneira de viver em que as crianças pudessem ser educadas em um ambiente livre do medo e fora dos padrões de uma sociedade que ele considerava cheia de conflitos. Separou-se da mulher, saiu da cidade e foi com as três crianças para o litoral de São Paulo. Nessa época, já era vegetariano e tinha o desejo de morar em uma comunidade. Resolveu ir para Mauá- RJ, onde sabia que o movimento alternativo era forte. Acabou desviando um pouco a rota e indo parar em São Lourenço-MG. Lá conheceu Elcy, e depois de poucos meses Paulinho e os três filhos se mudaram para o Mato Dentro, bairro localizado na zona rural de Soledade de Minas-MG, onde ela já morava.

Naquela época, São Lourenço era um pólo do mundo alternativo, onde acontecia o Movimento dos Médicos Pés Descalços⁶, um encontro para troca de informações aquarianas, além de ser um ponto místico do planeta. São Lourenço é conhecida mundialmente pelas

das artes na Barra da Tijuca – RJ. A palestra de abertura intitulada “O mundo tem fome de amor” que dá título à um dos capítulos da dissertação foi proferida por Oberom neste evento.

⁵ De acordo com o Glossário disponível no livro *Viajando na Luz*: “Eu sou o amor Divino”. “*Aham* é a centelha divina, a personalidade no aspecto divino, Eu Sou. *Prema* é o verdadeiro amor a Deus, amor transcendente ao Divino. O estágio perfeccional da vida.” (OBEROM, 2017, p.351)

⁶ O movimento dos médicos pés descalços foi criado pelo médico sanitarista, sociólogo e escritor Márcio Bontempo. Márcio Bontempo é autor de 87 obras até o momento, sendo 5 grandes best sellers nacionais e dois internacionais. Considerado o introdutor da Medicina Natural Científica (Naturopatia Clínica) no Brasil. Atualmente não reside mais em São Lourenço, e sim em Brasília, onde atua como Diretor do Núcleo de Saúde da União Planetária-DF.

Fonte: < <https://www.marciobontempo.com.br> >

propriedades medicinais de suas nove fontes de água mineral, e por ser o local onde foi fundada em 1921 a sociedade Brasileira de Eubiose. Com o objetivo de transformar São Lourenço na “capital espiritual do mundo” a teosofia da Eubiose busca “vivenciar um conjunto de conhecimentos, cujo objetivo primordial é congregar, construir e religar integralmente as dimensões do sagrado, profano, divino e humano.”⁷



Figura 1 - Comunidade Aham Prema em um dos espaços convivência do local. (Reprodução / Facebook)

Soledade de Minas é uma cidadezinha de apenas 5 mil habitantes, no sul de Minas Gerais e não por acaso é o local onde nasci, e cresci. Na verdade, nasci em São Lourenço, pois em Soledade de Minas não há hospitais, shoppings, bancos, supermercados. Para quem mora em Soledade de Minas, as duas cidades formam um mesmo conglomerado urbano, mas oficialmente elas são municípios distintos. O surgimento da comunidade Aham Prema, me é narrado por Oberom, primogênito de Elcy, que segundo ele “cresceu vendo sua família crescer.” Seu irmão Samadhi nasceu um ano e um mês depois e em logo vieram Nirvana, Satori, Lilás, Celeste e por último Sundara. Todos nasceram em casa, com a ajuda de uma parteira vizinha. Cresceram sem açúcar branco, carne, remédios, televisão e durante algum tempo, sem

⁷ Fonte: <http://eubiose.org.br/site/br/>

eletricidade também. Ouviram desde a infância as histórias do yogi Paramahansa Yogananda⁸ e tendo acesso a literaturas ligadas ao autoconhecimento, afirmam que sempre acreditaram na possibilidade da alimentação prânica⁹, bilocação¹⁰, criar coisas a partir do nada, comunicação telepática, canalização e etc. Ouvi por várias vezes dizerem que não havia coincidências, “*lá em casa tudo sempre foi cô-criô*”. A co-criação da realidade sempre foi um princípio muito forte na família, que reconhece o modo como as energias vibram e o que você emana para o universo como um dos fatores determinantes da realidade.



Figura 2 – Nirvana, Satori, Eley, Lilás, Samadhi, Celeste, Oberom e a pequena Sundara. Fotografia de 2013 (Reprodução / Instagram).

Oberom é um ativista pró consciência e um dos filhos de Elcy e não à toa uma das pessoas mais citadas ao longo da dissertação. Ele é o rosto mais famoso do meio brasileiro e uma das grandes referências mundiais quando o assunto é consciência prânica. Formado em Educação Física e pós-graduado em Nutrição Humana e Saúde pela UFLA - Universidade

⁸ Paramahansa Yogananda é considerado o pai da Yoga no Ocidente por ser o primeiro grande mestre indiano a fixar residência na América. Em 1920 fundou em Los Angeles a sede internacional da Self-Realization Fellowship. O jornal Los Angeles Times o noticiava como: “Um hindu invadindo os Estados Unidos para trazer Deus (...), pregando a essência da doutrina cristã.” Fonte disponível em: <http://yoganandabrasil.com.br>

⁹ Alimentação prânica consiste em uma série de técnicas canalizadas por Mestres Ascensionados, e popularizadas por Jasmuheen no livro *Viver de luz* que permitem que a partir de um retiro de 21 dias “*uma pessoa comum possa se alimentar exclusivamente da energia vital ou prana.*”

¹⁰ Bilocação é uma capacidade psíquica/ espiritual em que é possível a presença simultânea de uma pessoa em dois lugares. Existem dois tipos de bilocação: A projeção do corpo espiritual, etérico ou astral e a materialização de um outro corpo.

Federal de Lavras, com especialização em Yoga pelo Instituto Lonavla (Índia) realizado através da FMU em São Paulo, atua como uma espécie de ‘porta voz’ do tema.

O próprio Oberom relata que muitas vezes só ele leva o crédito, mas a equipe por trás do Portal Parvati, em grande parte composta por membros de sua família, é quem dá todo o suporte e merece o devido reconhecimento. O portal continua funcionando sem sua presença, visto que em alguns períodos ela é bem rara – o sucesso de seus livros é extremamente significativo e grande parte do tempo ele passa viajando o mundo com palestras, workshops e vivências. Machado (2006), ao descrever os “bastidores” da estrutura da cena raeliana¹¹, trabalha a categoria de “invisíveis fundamentais” os definindo como: *“os responsáveis pelo funcionamento do movimento e sua infraestrutura desaparecem quando celebridades e caricaturas entram em cena. Sua função é “garantir o show”, mas não participar dele.”* (MACHADO, 2006, p.14). Tal definição inspirou o modo como observei a relevância do trabalho “invisível” dos demais facilitadores deslocando assim o foco inicial que inconscientemente eu estava construindo apenas na figura ‘midiática’ de Oberom.

Estudei na mesma escola que vários moradores da Aham Prema. Além dos filhos de Elcy citados acima, convivi com nomes “curiosos” como Areia, Vida, Lua, Cairé, Wendy e etc. Sai Baba, Yogananda, Giri Bala e diversos ‘assuntos planetários’ nunca me foram estranhos devido à nossa convivência. Certa vez, ao final de uma meditação, um thetahealer¹² disse para Elcy: *“Querida dizer que estou muito decepcionado com a senhora, queria saber por que só o ‘Marcel’ tem um nome normal”. E ela sorriu e disse, mas quem disse que o nome dele é normal? Ele se chama Mar céu”,* se referindo a um dos seus enteados. Lembro-me do grupo de djembe¹³ da família da Areia; de quando a família do Cairé e da Tainá participou de um dos episódios com maior audiência do reality show Troca de família¹⁴ devido ao tamanho “choque

¹¹ O Movimento Raeliano é grupo religioso criado por Claude Vourilhon que se auto denomina o Profeta Raël. Atribuindo a criação da vida humana na Terra a seres extraterrestres, o Movimento Raeliano teve origem na França e desde seu surgimento em 1973 expande sua atuação para diversos países, inclusive o Brasil. Com perfil transnacional, este movimento difunde suas idéias através dos meios de comunicação de massa e seu evento de maior eficácia midiática foi o anúncio do nascimento do primeiro clone humano denominado “Eva” pelas lideranças do Movimento, em 2002. A cosmologia raeliana define-se como atéia e atribui suas idéias a fontes científicas extraterrestres. (MACHADO, 2006)

¹² Thetahealing é uma técnica de cura energética, baseada em terapia quântica. Através da meditação explora como a energia emocional afeta a saúde de uma pessoa. Foi desenvolvido em 1995 por Vianna Stibal. Thetahealer é o seu profissional.

¹³ Djembe é um instrumento de percussão tradicional do Oeste Africano confeccionado em tronco de madeira, que é escavado no formato de um cálice e pele é posta no topo da peça e esticada por cordas. O grupo da família a qual me refiro se chama Badenhá Foli, e é famoso por confeccionar seus djembes veganos com madeiras nobres recicladas, cordão 100% PET, argamassa de ferro e pele ABS forrada com tecido de algodão. A pele vegana desenvolvida pela família produz um som fiel aos djembes e dununs tradicionais.

Ver <http://badenhafoli.wixsite.com/badenhafoli/about3>

¹⁴ Troca de Família é um reality show brasileiro exibido pela Rede Record. É a versão brasileira do 'Trading Spouses' da Fox, onde duas mães totalmente diferentes trocam de lugar por uma semana.

de cultura entre as duas famílias”; da barraquinha na feira de artesanato do D’angio; das mães dos meus amigos que eram massoterapeutas, professoras de Yoga e de como o ENCA (Encontro Nacional das Comunidades Alternativas) era o momento mais aguardado do ano. Tenho vívidas lembranças de sentar no pátio da escola para ouvir as histórias que meus colegas contavam quando voltavam dos encontros.

O Dharma da família.

Quando estava no início da graduação em Ciências Sociais ao ter contato com o livro *O processo ritual* de Victor Turner (1974) e sua definição de *communitas* me veio uma enorme vontade de realizar uma etnografia junto à comunidade citada. No meu imaginário, a *Aham Prema* além de uma *communitas*, era uma “sociedade contra o estado”, nos moldes descritos por Pierre Clastres¹⁵ (1978). De acordo com Turner (1974), entre as mais extraordinárias manifestações da "communitas" encontram-se os movimentos milenaristas, que surgem no meio de massas desarraigadas, na cidade e no campo, vivendo à margem da sociedade. Na moderna sociedade ocidental, tais valores estão surpreendentemente presentes na literatura e no comportamento do fenômeno que veio a ser conhecido como a geração *beat*, a que se sucederam os *hippies*. Ao longo de minha trajetória acadêmica inicial, o desejo de pesquisar este universo foi crescente, desejava realizar algo inspirado pelos chamados estudos de comunidade¹⁶. Quando certa vez estava trocando os canais da televisão, me surpreendi com Oberom dando uma entrevista para o programa *Tabu* do canal *National Geographic* cujo tema do episódio era Dietas Exóticas.¹⁷ Reconheci o irmão de um grande amigo na TV imediatamente e me espantei com a informação de que ele e sua família experimentavam a chamada alimentação prânica desde 2001. De acordo com Oberom, o prana é uma substância do mundo etérico e princípio vital do cosmos físico. No mundo físico, existem duas espécies de prana: 1- a energia cósmica vibratória, onipresente no universo que estrutura e mantém todas as coisas; e 2 – a energia que permeia e sustenta cada corpo humano por meio de cinco correntes chamadas *Prana*, *Vyana*, *Samana*, *Udana* e *Apana*.

As religiões chamam essa energia de “Deus” ou “Supraconsciência” e acreditam que seja onipresente onipotente e onisciente. A física quântica chama essa energia de “grande energia de unificação” e também acredita que ela está em toda a parte, é

¹⁵ Ver CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*, Tradução Théo Santiago, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

¹⁶ Para melhor compreensão dos chamados estudos de comunidade. Ver OLIVEIRA, Nemeul da Silva; MAIO, Marcos Chor. *Estudos de Comunidade e Ciências Sociais no Brasil*. **Soc. estado**. Brasília, v. 26, n. 3, p. 521-550, dez. 2011.

¹⁷ O programa completo está disponível no seguinte link: < <https://www.youtube.com/watch?v=l8BgqejAtCs>>

onipotente e onisciente. Os difusores da Nova Era dão outros nomes a essa energia – “Tudo O Que É”, “Inteligência Divina” etc. Todos eles não passam de rótulos para descrever a mesma força ou poder. (JASMUHEEN, 2000, p.10/11)

Ao pesquisar sobre o assunto, descobri que a família de Oberom havia inaugurado dentro da *Aham Prema* um local para a realização de um retiro espiritualista chamado Portal Parvati¹⁸ onde era realizado um processo de 21 dias que introduzia as pessoas a uma vida prânica. Conforme é relatado no livro “Viajando na luz”, 2001 foi o ano do salto quântico da família. As sincronicidades de tudo que era positivo e ao mesmo tempo maluco chegavam até a família como algo que eles poderiam se identificar. A maior de todas as transformações ocorreu quando uma vizinha chegou até a família dizendo que havia assistido a entrevista de uma mulher no programa do Jô Soares¹⁹ em que ela relatava uma ‘maluquice’- a possibilidade de viver sem comer. A descoberta da existência do livro que ensinava a viver de luz – fez com que a vizinha chegasse até a Elcy com a novidade e já com um exemplar de presente para família”. Foi nessa época que conheceram o “Viver de Luz: a fonte de alimento do novo milênio” de autoria da australiana Jasmuheen.

O livro *Viver de Luz* é um agente (ou atuante, nos termos de Latour apud Machado 2006) na dinâmica das relações do Portal Parvati. Na maioria das vezes o livro é “*a primeira ‘pessoa’ com quem alguém interessado no movimento se ‘encontra’: nele, relações sociais se apresentam, e como ‘pessoa’ múltipla, sua condição de agência se dá pelas pessoas e relações*”. (MACHADO, 2006, p.78). Sendo assim, o que eu optei por chamar de literatura nativa passou a constituir um ponto central na pesquisa. Fiz o caminho inverso da maioria das pessoas, cheguei primeiro ao Portal Parvati e só depois conheci Jasmuheen, e sua leitura planetária da vida na terra, do corpo humano e suas projeções do futuro da humanidade e do planeta. O livro *Viver de luz* durante muito tempo foi tido como um manual de instruções que configura parte do “rito de passagem”; além dos livros escritos por Oberom que se tornaram *best-sellers*, tais publicações fazem com que milhares de pessoas cheguem até o Portal Parvati. A estrutura na qual o livro se insere, as pessoas que o distribuem e que circulam junto com ele e o grande número de línguas nas quais já foi traduzido formam uma rede de relações interplanetárias na difusão da mensagem.

¹⁸ De acordo com o Glossário disponível no livro *Viajando na Luz: “Filha da montanha”*. Nome da mãe divina. Consorte de Shiva, também chamada de Devi. Ela pode ser Kali, um aspecto feroz da mãe divina. As manifestações de Shakti podem ser: Radha, Durga, Lakshmi, Saraswati e Savitri. Parvati é também o nome espiritual de minha mãe, Elcy.” (OBEROM, 2017, p.357)

¹⁹ A entrevista mencionada é a de Evelyn Levy Torrence, que até hoje repercute no meio quando o assunto é alimentação prânica. Jô Soares conduziu a conversa com seu característico tom de deboche de seu talk show, ocasionando situações constrangedoras à entrevistada e instigando polêmicas. Está disponível na íntegra no youtube. <<https://www.youtube.com/watch?v=0sAjHekCW10>> .

Nas primeiras páginas do livro, Jasmuheen (2000) fala que a pesquisa dela iniciou lendo a Autobiografia de um Iogue de autoria de Parahansa Yogananda, que já era “companheiro de jornada” da família a longos anos. Paulinho, pai de Oberom é kriyaban, iniciado em Kriya Yoga e Yogananda é seu guru. Devido a este fato a conexão com as ideias disseminadas no livro foi imediata. Em julho de 2001, Elcy foi a primeira da família a realizar o processo. O sítio da família na Aham Prema era composto por uma casa mãe e três casinhas menores, nas palavras de Oberom, ela se exilou em uma dessas casinhas e nenhum dos filhos a viu durante 21 dias; Paulinho era o único que ia até lá uma vez ao dia ver se ela estava viva. E ao final do processo, os comentários na comunidade se transformaram do: “*A Elcy enlouqueceu*” para “*vocês viram como a Elcy está radiante?*”. Oberom relata que “*ela se transformou total e a família inteira quis ficar igual ela; sentimos uma necessidade incrível de mergulhar no mesmo poço que ela tinha mergulhado*”. Foi então que seguindo o exemplo da mãe, Paulinho, Samadhi com 16 anos, Oberom com 17 anos e Nirvana com 13 anos fizeram também o processo em dezembro daquele ano. Nos anos seguintes Satori e Lilás fizeram o processo e alguns anos mais tarde, Celeste também o fez. O pessoal narra que os burburinhos após este acontecimento foram: “*agora ela foi longe demais, tudo bem ela ser maluca, agora permitir que os filhos façam também... aí já é demais*”.

Oberom afirma que “*a casa acabou virando um grande laboratório, e no início tudo era movido a grande empolgação e uma disputa consigo mesmo*”; relata que por ser muito ligado ao esporte, correu 2,5 km durante oito dias para se testar. Continuou indo para os treinos de handebol, que eram localizados à 14km do sítio e ia pedalando até lá muitas vezes sem ter ingerido nada e outras tendo ingerido apenas suco. Após a família ter realizado o processo descrito no livro e ter ficado nove meses ingerindo apenas líquidos, seguiram rigorosamente uma disciplina que consistia em: quatro dias tomando basicamente líquidos, “com algumas concessões a coisinhas gostosas esporadicamente”, e três dias no “seco” em que não ingeriam nada, nem mesmo água.

Oberom e Samadhi após a finalização do processo, resolveram sair viajando pedindo carona pelo país muito focados em usufruir da possibilidade de poder ir para qualquer lugar sem usar o papelzinho (dinheiro). Os irmãos descrevem essa viagem como algo muito libertador, várias das pessoas que lhes deram carona, também os convidavam para almoçar e lhes ofereciam abrigo. No decorrer da rotina, negando sempre as refeições, as pessoas começaram a entender do que se tratava e segundo eles, algumas tiveram reações muito bonitas e outras muito esquisitas. Oberom reconhece que era prazeroso ver o modo como as pessoas reagiam ao que eles eram naquele momento, o ego inocente achava divertido poder mostrar

para as pessoas a novidade do que eles estavam vivendo. Alguns meses após os meninos terem “falado demais por aí” e voltado de viagem, a família passou a receber em casa desde então pessoas de todas as partes do globo querendo “fazer o que eles fizeram”.

Certo dia chegou um carro na comunidade *Aham Prema* perguntando na vizinhança: “*É aqui a família que não come?*” E responderam que sim. Três pessoas, que depois foram carinhosamente apelidadas por eles de *Família Adams* bateram na porta da família dizendo: viemos fazer o processo com vocês. Uma mulher, sua filha e o namorado de sua filha. Enquanto Elcy dizia o tempo todo, não. Paulinho dizia: “*A gente tira os meninos lá da casinha e vocês ficam à vontade*”. Passaram-se alguns dias o rapaz chegou até eles e disse: “*Olha, esse processo pode ser da 5ª dimensão, dos mestres ascencionados, mas fazer com a sogra, não dá*”. E então, arrumaram um outro quartinho para hospedar o rapaz. Depois de alguns dias, ele lhes contou que havia retirado um tumor recentemente e tomava vários medicamentos para o controle de convulsões. O rapaz ainda fazia um movimento assustador com o braço, como se ele desencaixasse o ombro e voltasse o braço para o lugar. Elcy ficou muito nervosa e queria mandá-lo embora. Porém essa foi só a primeira das descobertas daquela família. A mãe era cardíaca e no quinto dia do processo perguntou para Elcy se tudo bem fazer o ritual nessas condições – e ela respondeu, eu não sou médica, se tiver tudo bem para você... por mim também está. Posteriormente descobriu que a filha só tinha 1 dos rins e já estava a 6 dias sem beber água.

Durante o ritual, a mãe da Família Adams chamou Elcy dizendo que havia tido um sonho com um barbudo, um mestre ascencionado e ele tinha um recado para ela. A mensagem era a de que “*não iam parar de chegar pessoas de todos os lugares do mundo, modelos, atrizes, gente da Rede Globo*”. Elcy foi até o Paulinho desesperada relatando o ocorrido e afirmando que tinha ido viver no mato justamente para fugir de pessoas. Ele a tranquilizou dizendo que a moça já estava sem água há vários dias, que este sonho era só um delírio. Quando a família Adams acabou o processo e foi embora, Elcy jurou que nunca mais faria isso novamente. E uma semana depois, apareceu um senhor de 57 anos batendo na porta e dizendo: “*É aqui que fazem o processo de 21 dias?*” E ela respondeu: Não fazem, fizeram! O moço insistiu dizendo: “*Meus amigos receberam seus filhos lá no Sul*”; Oberom diz se recordar da cara de brava de sua mãe olhando para eles. Paulinho sempre muito simpático, o convidou para entrar, afirmando para Elcy que “*foi Deus quem o mandou*”.

Os filhos do casal se recordam do senhor de 57 anos como alguém com uma idade muito mais avançada. O senhor tinha a pele ferida, extremamente enrugada, dotado de uma postura debilitada quando chegou até a casa deles. Mesmo contrariada, Elcy foi logo para o computador

preparar uma ficha pois, eles não possuíam nenhuma informação dessas pessoas, “*nem mesmo o endereço para onde mandar o corpo (risos)*”. Entregou a ficha para o senhor e quando estava no 4º dia ele ainda não havia preenchido, ficava sempre procrastinando e afirmando que faria depois. Por fim, o senhor não queria preenchê-la porque era soropositivo e tomava um vasto coquetel de remédios. Após muita insistência, ele finalmente preencheu a ficha. Elcy, ao tomar conhecimento da situação, ligou para alguns médicos a fim de entender quais eram as substâncias e como o organismo do senhor reagiria à falta dos medicamentos. Concluiu então, que ele não poderia ficar nenhum dia sem eles, e decidiu mandá-lo embora. Quando comunicou a decisão à Paulinho, ele lhe confrontou dizendo que ao fazer isso, eles estariam duvidando de Deus. Se a medicina tradicional dizia que o senhor não podia ficar nenhum dia sem os medicamentos, ele já estava a quase 5 não só sem os medicamentos, como também sem água e sem comida. Ele era um milagre! Elcy insistiu dizendo que Deus também deu inteligência para que eles soubessem que era muita responsabilidade assumir o risco. A história teve seu desfecho com o senhor concluindo o processo com absoluto sucesso. As lembranças das transformações do senhor soropositivo foram visíveis fisicamente, ele rejuvenesceu, sua pele, sua vitalidade, e sua postura pós processo eram absolutamente impressionantes, segundo o relato da família.

A partir daí, Elcy e Paulinho que tinham ido viver no mato justamente para fugir da sociedade, com muita resistência começaram a ter que lidar com o grande fluxo de pessoas que chegavam até o Mato Dentro para viver o ritual com a ajuda deles. Entenderam que fazia parte do *Dharma*²⁰ da família, trabalhar em prol de uma cura planetária, auxiliando e transformando vidas a partir do Prana Prasakti²¹. Até que em janeiro de 2003, Oberom conheceu Gohar, um “*businessman de 36 anos que também estava procurando o autoconhecimento e a realização espiritual*”.

Três meses depois do nosso encontro com Gohar, ele estava inaugurando o Portal Parvati – espaço construído exclusivamente para receber pessoas interessadas em realizar o processo de 21 dias. Depois de alguns meses recebendo e acompanhando processos dentro de nossa própria casa, o Pai Eterno/Mãe Divina, através de minha avó, incumbiu-nos de cuidar de um terreno com o esqueleto de uma pousada, ao lado de uma floresta e com uma vista linda da comunidade (...) Desde a inauguração o Portal Parvati nunca ficou vazio, com pessoas vindas das mais longínquas partes do globo. (OBEROM, 2008, p.15)

Logo no primeiro dia de trabalho de campo, me surpreendi com o número de estrangeiros realizando o processo de 21 dias no Portal Parvati. Mas, só me dei conta do

²⁰ Utilizo dharma aqui no sentido de destino, missão de vida na terra, dever.

²¹ Prana Prasakti é o termo atual utilizado pelo Portal Parvati para designar o que é popularmente conhecido como Processo de 21 dias. Atualmente estão trabalhando na elaboração de um material próprio, baseado no avanço das pesquisas desenvolvidas na comunidade. Estão se distanciando da associação com Jasmuheen, o livro viver de luz de autoria da australiana, deixará de ser o “manual de instruções” em breve.

verdadeiro caráter transnacional quando depois de alguns meses de pesquisa, intermediei o agendamento de uma massagem na área terapêutica para uma conhecida que mora nos Estados Unidos. A sessão foi marcada por volta das 15h e eu a acompanhei até o Portal com o objetivo de mostrar o caminho e aproveitar para ficar para a oração daquele dia que seria realizada a partir das 18h:30min. Enquanto ela realizava o procedimento, Hamida – uma das facilitadoras que já me conhecia, me deixou aguardando numa espécie de recepção dizendo que eu podia ficar à vontade e aproveitar os livros disponíveis ali, que segundo ela, teriam muito a contribuir em minha pesquisa. Esta sala além da recepção, era o local onde ficava a lojinha de artigos indianos, várias caixas de lápis de cor, pastas com mandalas para colorir, e a biblioteca do Portal que contava com exemplares em diversas línguas.



Figura 3 – Recepção / Loja de artigos indianos no Portal Parvati. Fotografia por Laryssa Owsiany.



Figura 4 – Parte da biblioteca do Portal Parvati. Fotografia por Laryssa Owsiany.

Porém o que mais me chamou a atenção na biblioteca foi uma série de “cadernos de efeitos especiais”; os cadernos expressavam na capa: “Deixe sua mensagem para os próximos iniciantes.” Sentei no sofá para lê-los e quando me dei conta havia se passado cerca de duas horas e meia, encontrei mensagens desde os anos 2000 e de pessoas das mais diversas nacionalidades. Os modos de se expressar nos cadernos, nem sempre eram através da escrita, havia diversas páginas com desenhos, pinturas, colagens, mas o único padrão que seguiam era ao final assinarem o nome, o período em que realizaram o processo (data de início e fim) e o país ao qual pertenciam. Chile, Argentina, Holanda, México, África do Sul, Estados Unidos eram somente alguns dentre os quais estavam documentados ali. Posteriormente descobri que ao todo, pessoas de 39 nacionalidades já haviam realizado o ritual até então.

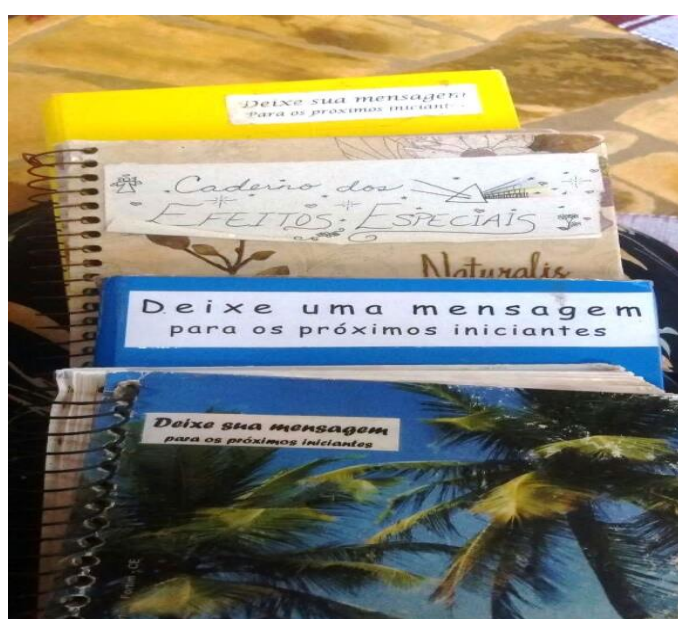


Figura 5 - Caderno dos efeitos especiais. Fotografia por Laryssa Owsiany.

Carly Machado (2010) analisa como os novos movimentos religiosos constroem totalidades complexas de valores sociais que se formulam em torno de projetos religiosos minoritários, em sua maioria transnacionais, não articulados diretamente a um projeto específico de formação da nação, e que tornam incontável a relação da comunidade religiosa com uma comunidade nacional.

Cabe destacar a dimensão transnacional das formações comunitárias no contexto dos novos movimentos religiosos. Não apenas uma especificidade da disposição geográfica desses grupos, a transnacionalidade religiosa desses movimentos é em muitas situações um perfil de sua religiosidade descolada de projetos nacionais e propensa a uma circulação mediada fundamentalmente por elementos midiáticos que compõem as vias não apenas de trânsito da mensagem desses movimentos, como muitas vezes sua forma de presença e modalidade de formação de comunidades. (MACHADO, 2010, p.158)

A transnacionalização transcendental trabalhada por Csordas (2009) reflete a respeito de uma teoria da globalização que se atente para questões religiosas. As lideranças que em outros contextos seriam denominadas “internacionais”, no decorrer da etnografia se mostraram interplanetárias e multidimensionais. O jogo de escalas se mostrou de forma clara no momento em que eu encontrei os cadernos dos efeitos especiais. A etnografia que se iniciou por uma questão de cultura local, a comunidade hippie da minha cidade foi confrontada por um fluxo de pessoas buscando evolução espiritual que atingia âmbitos internacionais e até mesmo planetários.

O que é o processo de 21 dias / Prana Prasakti?

O processo de 21 dias é definido por Jasmuheen (2000) como uma “*mesa de cirurgia da natureza que opera sem bisturi*”.²² Jas, como é conhecida, não é a criadora do processo, seu trabalho, como “*um ser intergaláctico vindo dos mundos unificados é ensinar o sistema que é desenvolvido no planeta arcturo*”. No mundo unificado “*a gente não precisa desse jogo da comida, a gente usa energia livre*.” Jas alega que seu destino era apenas tornar pública essa possibilidade para o Ocidente e honrar a tradição que já estava sendo praticada a seis mil anos na China e a quatro mil anos na Índia. Estes são curiosamente os mesmos lugares citados por Marcel Mauss no último parágrafo de ‘As técnicas corporais’:

²²TODAS AS INFORMAÇÕES CONTIDAS NA DISSERTAÇÃO NÃO TÊM O OBJETIVO DE FORNECER BASE PARA A REALIZAÇÃO DO PRANA PRASAKTI. Como é explicitado no Portal Parvatí, há uma série de rigorosas instruções para a segurança e êxito do ritual.

No meu entender, no fundo de todos os nossos estados místicos há técnicas do corpo que não foram estudadas, e que foram perfeitamente estudadas pela China e pela Índia desde épocas muito remotas. Esse estudo sócio-psico-biológico da mística deve ser feito. Penso que há necessariamente meios biológicos de entrar em “comunicação com o Deus”. E, embora a técnica da respiração etc., seja o ponto de vista fundamental apenas na Índia e na China, creio, enfim que ela é bem mais difundida de um modo geral. (MAUSS, p.422)

Parto do princípio de que a consciência prânica e o ritual do Prana Prasakti é um desses “meios biológicos de entrar em comunicação com Deus” do qual Mauss se refere. O ritual, segundo a abordagem do Portal Parvati, não está ligado a nenhuma religião, mas é uma ferramenta que pode ser utilizada por todas. Os adeptos deste estilo de vida acreditam que o jejum tem o poder de mudar a informação genética com a qual todo ser humano nasce, desde que a pessoa consiga alterar o seu sistema de crenças através de uma reprogramação física, energética, mental e espiritual. É um ritual que promove uma reprogramação orgânica em que o ser humano passa a viver em cooperação mútua e benéfica com o cosmos e com tudo que emana energia no planeta.

É uma iniciação espiritual pela qual a memória celular é alterada. A fé é o ingrediente básico para realmente se desfrutar do milagre e ter um contato próximo com o Agora, o Eu superior, o Eu Interno, o Eu Divino, a Essência Cósmica, o Brahman, o Eu sou, o Paraíso, Allah, Tupã, Jah, Deus, Momento em que podemos ouvir a voz de nossa consciência e nos autoconhecer. (OBEROM, 2017, p. 347)

Entrei em contato com o Portal Parvati através de um e-mail simples solicitando informações acerca dos retiros e do Processo de 21 dias. Sem o contato direto, não havia nenhuma informação disponível na internet acerca das atividades realizadas. Não haviam sites, páginas, blogs, nem mesmo fotos do local na época. Recebi uma resposta afetuosa e dois links do Google drive com informações de localização, custos do processo, regras a serem seguidas e um impressionante questionário. O documento começava da seguinte forma:

Quando as pessoas ouvem falar desse Processo pela primeira vez, as reações variam muito! Para os que sentem que esse Processo desperta ecos dentro de si e sabem, no fundo do coração, que é para eles, está tudo perfeito. Embora esse Processo o leve de volta para Deus, embora seja algo além de tudo quanto você conhece – há alguns obstáculos a serem transpostos e algumas pontes a serem cruzadas, obstáculos e pontes que foram criadas pela mente que está negando sua grandeza e autenticidade. Se você tem realmente noção da maravilha que é, de seu verdadeiro potencial - esse Processo é desnecessário; basta fazer as malas e voltar imediatamente para casa! Mas, até hoje, nossa natureza é de luta e dor, e não de paz e fluência, de modo que precisamos criar um Processo que nos possibilite PARAR e entrar em nosso interior. Um Processo mental para nos liberar da mente. E é provável que seja o que você está procurando. Portanto, o objetivo deste questionário de auto-sondagem é possibilitar que você saiba se o Processo de 21 dias é realmente para você neste momento.

O questionário ao qual me refiro tem como objetivo uma auto-sondagem que torne a pessoa ciente de que deve deixar a sua vida em suspenso durante 21 dias, submetendo-se

explicitamente a uma série de regras e abandonando completamente o contato com o mundo externo. Ou seja, telefones, internet, televisão não são permitidos. Como o Processo diz respeito à renúncia ao ego e a todas as crenças, é importante que, ao tomar a decisão, a pessoa enfrente corajosamente essas perguntas. Para a realização do ritual é necessário responder SIM honestamente à todas as perguntas. Convido o leitor desse trabalho a realizar uma das experiências de pensamento à qual eu me referi na nota 2 desta introdução. Proponho que você leitor, ‘experimente a imaginação’ de responder para si mesmo/a as perguntas abaixo.

Questionário de auto-sondagem

1. *Estou disposto a me submeter à maneira da Inteligência Divina agir?*
2. *Estou preparado para aceitar explicitamente uma série de “regras” para os 21 dias?*
3. *Estou disposto a deixar minha vida inteira em “suspensão” durante 21 dias?*
4. *Sei que meu apego a pessoas, crenças ou coisas pode impedir-me de perceber meu verdadeiro potencial e minha grandeza, e de chegar ao autodomínio?*
5. *Tenho consciência da diferença entre abandonar pessoas e coisas e abandonar meu apego a pessoas e coisas?*
6. *Tenho plena noção do quanto a mente pode ser poderosa e que ela cria o que eu chamo de realidade 100% do tempo e que isso inclui o tempo que eu despendo no Processo de 21 dias?*
7. *Eu também sei que isso significa que, aconteça o que acontecer no Processo, é algo criado por minha mente e faz parte do Processo que eu criei e ao qual devo me submeter – para liberação e cura? Como exemplo, digamos que depois de 11 dias do Processo, seus intestinos ainda não funcionaram. Digamos que você cria uma dor nessa área e fica com medo de estar com uma obstrução intestinal. Você sabe que, embora sua mente tenha criado a dor, ela também lhe diz que a dor pode ser real. Você fica mais assustado ainda e, se sucumbir a esse drama criado pelo medo, estará dizendo não à maravilha e grandeza de seu Ser e à capacidade de se curar com a energia Divina. Como você criou essa dor mentalmente, pode acabar com ela, simplesmente com sua fé, entrando dentro de si mesmo e pedindo ajuda. Esse processo foi criado pela mente e pode ser eliminado de sua mente. Compreende isso? É claro que não há necessidade alguma de isto acontecer durante o Processo.*
8. *Sei que o Processo de 21 dias vai mudar minha vida a partir do exato momento em que eu ouvir falar dele e que eu nunca mais voltarei a ser a mesma pessoa?*
9. *Sei que não sou obrigado a passar por este Processo? Os desafios que podem trazer são seus e só seus e, por isso, é muito importante que você entenda com o que está se comprometendo. Tem certeza absoluta de que você sabe do que se trata e o que está escolhendo?*
10. *Tenho certeza absoluta de estar optando por passar por esse Processo por ele mesmo e por nenhum outro motivo? Que não é por causa de minha família, de meus amigos, de meu líder, de meu mestre, nem de pressão de grupo ou algo do gênero? Há muitos benefícios que podem advir desse Processo, como mais saúde e o peso ideal. No entanto, só o seu desejo de atingir essas metas não são suficientes para você começar esse Processo.*
11. *Sei que minha fé é necessária para eu chegar ao Autodomínio ou à expansão de consciência?*
12. *Sei que o Processo dos 21 dias não tem o objetivo de me levar a parar de comer, mas que o não comer durante os 21 dias é apenas uma ferramenta que me conduz ao contato consigo mesmo? E que o apego à ideia de parar de comer pode limitar meu Processo?*
13. *Tenho noção da possibilidade de beleza, clareza, leveza, estado de ser, comunhão e beatitude, gentileza, amor e paz, alegria e liberdade que esse Processo pode me trazer? Estou preparado para isso?*
14. *Tenho consciência de que não poderei fazer uso de nenhum medicamento durante os 21 dias?*

Se você conseguiu responder sim a essas perguntas, “*você está sintonizado com a pureza e tem condições de estar à altura da sacralidade deste Processo.*” No documento que me foi enviado, dentre as instruções, estava explícita a importância da leitura do livro “Viver de Luz: a fonte de alimento do novo milênio”, de Jasmuheen, antes de tomar a decisão.

Ainda a melhor referência é o livro Viver de luz, esteja com ele enquanto estiver fazendo o processo. Não burle regras, não vá fazer social porque está entediado, não tome banho frio porque está sentindo muito calor, não faça um processo da sua cabeça, pois não estará fazendo o processo de 21 dias, estará fazendo o processo da sua cabeça e isso pode trazer consequências diferentes. (Oberom – facilitador no Portal Parvati)

Caso você faça uso de alguma medicação, você deve entrar em contato para que a equipe avalie se você está apto a passar pelo Processo. Além disso, eles deixam bem claro que não realizam acompanhamento médico.

Neste mesmo documento são descritas detalhadamente as opções de acomodações, além dos serviços opcionais, não inclusos no valor do processo. O investimento para o período dos 22 dias é de R\$ 2.240,00 - quarto pequeno; R\$ 2.960,00 - quarto grande R\$ 3.230,00 – chalé e quarto do templo. A justificativa para o fato de o Processo ser pago é a de que o portal é composto por uma equipe de 6 facilitadores, 1 faxineira e 1 ajudante de serviços gerais. E para que a qualidade do trabalho e de uma infraestrutura que propicie a interiorização e o conforto aos participantes, todos estes servidores são devidamente remunerados. O portal oferecia também uma modalidade de retiro destinada apenas a pessoas que já realizaram o processo de 21 dias e sentem a necessidade de cura, reconexão e estabilização na Presença. Diferentemente de quem passa pelo processo, o retirante tem a flexibilidade de direcionar sua própria disciplina quanto à ingestão de líquidos e atividades, além da decisão de quantos dias pretende ficar no local, em retiro. O retirante pode usufruir de espaços comuns como a pintura de mandalas, utilização da biblioteca e meditação no labirinto. Mas deve se comprometer a vivenciar a estadia em silêncio, sem interação com a comunidade ou demais pessoas. Não são feitas reservas para retiros durante os meses de dezembro e janeiro, devido ao grande número de pessoas que buscam fazer o processo de 21 dias neste período. Dentre os serviços opcionais se encontram:

- Massagem ayurvédica. Duração 1h R\$ 107,00.
- Aulas de yoga com Satori, formado em Educação Física, com extensão em Anatomia aplicada ao Yoga, com formação em Yoga Clássico e em Hatha Yoga. Passou pelo Processo em 2004. Duração 1h R\$ 80,00
- Cristaloterapia (aplicação de cristais nos chakras e meridianos), com Blair Alexandra Prata, que passou pelo Processo em 2008 e 2012. Duração 1h. R\$107,00
- Banho com hidromassagem. Duração 20 min. R\$ 35,00
- Lavagem de roupas. Contribuição espontânea.
- Loja Lakshmi com artigos indianos, cosméticos naturais, livros e artesanato.
- Leitura de Aura com Lilás. Passou pelo Processo em 2005. Duração 1h R\$ 125,00

Como há limitação de vagas, a reserva deve ser feita com bastante antecedência. Para que a reserva seja feita você deve escrever informando a data que deseja iniciar assim como o tipo de acomodação em que gostaria de ficar. A equipe se compromete a responder o mais breve possível confirmando a vaga ou passando datas e acomodações alternativas. Assim que tudo for acertado você deve fazer o depósito de 50% do valor para que a reserva seja feita.

Entrei no campo com a ideia fixa de que faria o processo, procurei juntar o dinheiro e inclusive tentei financiamento para missões de pesquisa via editais da universidade e não fui contemplada. Favret-Saada (2005) afirma que não parou de oscilar entre dois obstáculos: “*se eu ‘participasse’, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para ‘observar’. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado.*” (FAVRET-SAADA, 2005, p.157). A obra de Favret Saada é citada aqui por mostrar como é possível o etnógrafo usar suas perturbações/ afetos como alavancas do conhecimento.

Tive a oportunidade de participar de um evento com a presença de Jasmuheen em novembro de 2017 no Rio de Janeiro. Cheguei com muita antecedência ao local e as pessoas que eram novas ali se enturmavam puxando o assunto: “*Você já fez o processo de 21 dias?*” Uma moça que estava sentada ao meu lado fez esta pergunta a outra que aguardava o início do evento, e ela respondeu que já havia feito o processo três vezes e que voltava ao Portal Parvati todos os anos para ficar pelo menos uns cinco dias lá para se reconectar. Esta mulher era Cynthia Brant, uma famosa *chef* de culinária viva que eu “conhecia de nome” através de cartões e folhetos de seu trabalho que ficavam sobre a mesa da biblioteca do Portal Parvati (figura 4). Cynthia perguntou se ela já havia passado pelo processo e ela respondeu que estava agendado para iniciar na semana seguinte, afirmando que estava ansiosa para “encontrar sua turma”. Cynthia a questionou “Como assim? Que turma?” E a mulher respondeu: “a turma que gosta de coisas diferentes”. A pessoa que procura o processo porque gosta de coisas diferentes, para emagrecimento, para provar que é charlatanismo ou até mesmo um antropólogo que visa vivenciar a experiência no trabalho de campo corre o risco de ser “julgado” no meio. Já ouvi um dos facilitadores dizer:

É claro que tem o bonito do ego levar a pessoa até o portal por outras motivações e o processo ser extremamente transformador e fazer com que essa pessoa que chegou com intenções muito superficiais, mergulhe no seu eu interior. A comida não é o problema, o problema é o uso que você faz dela e muitas vezes a busca por esse “superpoder” é uma armadilha.

Longe de ser um observador neutro, o etnógrafo ainda está preso na situação observada, foi-lhe atribuído um lugar, o que lhe permite investigar a tensão visível/invisível ou mesmo dizível/indizível. Os materiais recolhidos em campo são de uma densidade muito particular e permeados por uma forte intensidade emocional, sendo necessário por vezes aceitar se perder²³.

²³ Ver RÉMY, Catherine. *Accepter de se perdre. À propos de l’engagement ethnographique de Jeanne Favret-Saada.* 2012. Disponível em: < <http://gspm.ehess.fr/docannexe.php?id=1508>> . Acesso em: 19/06/2017.

A análise por via de uma antropologia cheia de afetos conduz inevitavelmente a certeza de que a minha posição enquanto antropóloga não era simplesmente a de alguém que registrou a vida das pessoas que estavam realizando o processo de 21 dias, mas também a de alguém que tanto afeta essa vida, quanto é afetado por ela (FAVRET-SAADA, 2005).

Oberom ao abraçar a ideia de minha pesquisa repetiu algumas vezes que “eu não precisava fazer o processo”, mas eu queria! Eu deveria sentir no meu coração que aquilo era para mim, pois as intenções ao decidir realizá-lo são fundamentais para o sucesso da operação. Não cheguei a realizá-lo devido a diversos fatores. Não tenho dúvidas de que é perfeitamente possível, e que ao me submeter ao ritual, os emaranhados de uma auto-antropologia²⁴, teriam consequências inclusive metodológicas. Nas escolhas do rumo da dissertação, eu não queria que o tema tivesse por foco o processo de 21 dias se eu não tivesse a condição seja financeira, ou psicológica de fazê-lo. A frustração de não ter realizado o ritual começou a se dissipar quando o trabalho de campo no Portal Parvati abriu diversos outros “portais” de análise. Atualmente eu tenho a real clareza dos motivos pelos quais eu não me submeti ao processo. O respeito ao trabalho realizado pelos facilitadores no Portal Parvati e a sinceridade na nossa troca são fatores primordiais para mim.

Olhamos com olhos treinados pela nossa experiência de ver o que está acontecendo ao nosso redor, ouvimos com os ouvidos afinados pelos sons que são importantes para nós, e tocamos com corpos que se acostumaram, pela vida que levamos, a certos tipos de movimento. Os cheiros também estimulam memórias e expectativas. Esse mundo habitado- o mundo da nossa percepção- inclui a terra debaixo dos nossos pés, o céu arqueando acima de nossas cabeças, o ar que respiramos (...) enquanto está sentado dentro de casa, como você provavelmente está enquanto lê estas linhas, o mundo da terra e do céu é um mundo que você só pode imaginar. (INGOLD, 2015, p.153)

Tal universo de pesquisa me impôs, como argumenta Alfred Gell (1995) uma “reorganização de sensibilidade”. É importante deixar claro que eu não fiquei os 21 dias sem comer, mas permiti que meu corpo e minha experiência sensorial fosse afetada por outras vias. Retirei os sapatos, apostei corrida com formigas, abandonei o celular para não afetar campos eletromagnéticos, me coloquei em posição de *padmasana*²⁵, me esforcei para manter a postura ereta, meditei, tentei a praticamente impossível tarefa de manter a mente no tempo presente, alimentei uma egrégora espacial-temporal através do canto coletivo e do silêncio, aprendi exercícios respiratórios que de início me pareciam difíceis e escrevi as meditações etnográficas que resultaram nesta dissertação. Ainda que o olfato e a visão estejam

²⁴ Ver STRATHERN, Marilyn. “Os limites da autoantropologia”. In O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2014, p. 133--157.

²⁵ É uma postura utilizada tradicionalmente durante a meditação, onde a pessoa sentada entrelaça as pernas e os pés em oposição as coxas permanecendo com as mãos sobre seus joelhos.

extremamente presentes na experiência do Prana Prasakti e apareçam diluídos ao longo de toda a descrição, os outros três sentidos radicalizam a experiência corporal como um todo. Por esta razão, o paladar, a audição e o tato respectivamente não são os temas principais, mas se tornaram os fios condutores dos três capítulos que compõem o presente trabalho. O primeiro capítulo apresenta o Processo de 21 dias - Prana Prasakti – e busca analisar esta experiência a partir de debates mais clássicos acerca da relação entre alimentação e religião e, de forma mais sutil, capturar aspectos deste processo mais diretamente relacionados à experiência do sabor, do gosto e do paladar. Já no segundo capítulo, compartilho as experiências sonoras vivenciadas no Portal Parvati, tomando por foco as orações, os silêncios, e a concepção nativa de “alimentação da egrégora”. Finalizando, no terceiro capítulo trato do tato, da importância da pele, dos pés (do caminhar, do chão) e dos labirintos que levam ao autodesenvolvimento.

CAPÍTULO I

O MUNDO TEM FOME DE AMOR – O RITUAL DO PRANA PRASAKTI

“Os Mestres Que Ascenderam – com os quais me comunico telepaticamente – dão-me visões de um mundo sem fome, sem um mercado de gêneros alimentícios e sem agricultura, exceto o cultivo praticado em nome da beleza, não da necessidade. Imagine quantos bilhões de dólares poderiam ser desviados para outras coisas se todos acreditassem que podem ser alimentados exclusivamente pela Substancia Universal, pela Luz de Deus?”

(Jasmuheen)

A fonte de alimento do novo milênio disseminada pelo livro de Jasmuheen carrega consigo afirmações bastante polêmicas, como a citada acima. Muito se fala sobre o esgotamento de recursos, o fim da água e pouco se tem dito sobre o fim da fome, ou melhor o fim de um tipo específico de alimentação. A vasta literatura sobre comida e antropologia, religião e interditos alimentares constituíram a princípio, a base teórica de meu projeto de mestrado; e não por acaso, se tornaram a primeira coisa à ser questionada. Nas primeiras idas à campo ao apresentar meu projeto aos interlocutores, com muita simpatia; eles interpelavam: “*Não tem nada a ver com jejum, jejum é a privação da comida. Muito pelo contrário, durante o processo de 21 dias estamos sendo alimentados o tempo todo, por prana*”. Contrariando a minha noção prévia de jejum, na palestra que participei com a presença de Jasmuheen²⁶, ela afirmou que come 24h por dia, 7 dias por semana. Mas não é essa comida que todo mundo pensa, “*eu como sendo banhada por algo magnífico, prana, força universal, energia cósmica, luz divina que flui através das células como se fosse o vento em um túnel. E essas células são preenchidas e alimentadas*”²⁷.

²⁶ Jasmuheen possui certo protagonismo em minha dissertação, pois seu best seller ainda é uma das “primeiras pessoas” pelas quais se têm o primeiro contato com o Processo de 21 dias. Durante a realização de minha pesquisa, o livro ainda era considerado a melhor referência sobre o assunto. Como foi mencionado em uma nota de rodapé da introdução, diversas transformações ocorreram no campo e o Portal Parvati atualmente busca se distanciar do respiratorianismo. Estão trabalhando na elaboração de um material próprio que possa cindir relações focadas na inédua e tenha como privilégio a dimensão de um despertar da consciência. “*Se o viver de luz não é para um fim espiritual, para que as pessoas o querem? Parar de dar comida ao corpo e alimentar o ego?*” (OBEROM, 2016, p.422). As diversas polêmicas em torno da prática fizeram com que a família responsável pelo Portal Parvati se questionasse como um instrumento de autoconhecimento pudesse ser ter tão mal interpretado. Este afastamento tem sido gradual, mas a maior parte do meu trabalho de campo se deu em um período de alinhamento entre o Portal e o livro de Jasmuheen. Os momentos de tensão, quando começam a aparecer, serão tratados caso a caso ao longo do texto.

²⁷ Trecho de diário de Campo. As falas de Jasmuheen e Oberom, quando não aparecem acompanhadas de uma referência bibliográfica, são relatos coletados em campo. Como ambos são os autores principais da literatura nativa citada aqui, é importante tal distinção.

Beig (2009) afirma que quando pensamos acerca do comportamento alimentar humano, temos que levar em conta que nenhum outro hábito não automático se liga de modo tão próximo a sobrevivência. Além disso, segue afirmando que “*a alimentação é uma junção entre o natural – sobrevivência - e o cultural – encarregado, este, de ditar todo o resto.*” (BEIG, 2009, p.2). Alimentar-se de determinadas coisas e não de outras é uma questão que pode estar além da geografia dos alimentos que cada região dispõe. O alimento que se ingere carrega consigo pesos morais e éticos, que quando consumidos estarão presentes na “carne”, e então, dependendo da alimentação adotada, as pessoas se tornam puras ou impuras²⁸; morais ou imorais, tanto no corpo quanto no espírito. Destacando que “*A identidade religiosa pode ser considerada, muitas vezes, uma identidade alimentar*” (BEIG, 2009, p.3).

É comum que diversas religiões possuam os seus interditos alimentares, por exemplo, a classificação dos animais em autorizados e proibidos para a alimentação originou dois capítulos da Bíblia, o Levítico 1 e o Deuteronômio 14. Os Adventistas do Sétimo Dia fazem recomendações chamadas de Reforma da Saúde desde de 1863, o que inclui, além das diversas restrições alimentares, cuidados com a higiene e uso de medicamentos. O Budismo adota um princípio chamado *ahimsa* que se aproxima do vegetarianismo, o Espiritismo também apresenta restrições quanto ao consumo de carne, dentre diversos outros exemplos.

Os próprios facilitadores do Portal Parvati afirmam que o paladar é o sentido que mais alimenta o ego, por isso identificamos jejuns na maioria das tradições religiosas. Maluf (2005) nos mostra que uma nova atitude alimentar como a eliminação de certos alimentos (sobretudo os industrializados, a carne vermelha e, por vezes, toda proteína de origem animal), a conversão à cozinha vegetariana ou à macrobiótica, o aprendizado da culinária, e a frequência a restaurantes veganos seriam um sinal de modificação do comportamento difundido pelo movimento Nova Era.

O processo ritual: “a mesa de cirurgia da natureza que opera sem bisturi”

O processo ritual ²⁹ é dividido em três etapas e dura 21 dias. Os facilitadores deixam claro que é fundamental que a pessoa saiba que estará realizando uma diferente, estranha e

²⁸ Ver DOUGLAS, M. Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu /Mary Douglas; tradução de Sonia Pereira da Silva. Rio de Janeiro: 1991.

²⁹ Turner (1974) afirma que o ritual está associado à ideia de um retorno ao equilíbrio espiritual de um indivíduo ou grupo que possuía uma perturbação e é realizado de modo que nem o tempo, o espaço e nem os indivíduos nele

muitas vezes dolorosa experiência física. Sintomas como dor de cabeça, irritabilidade, dores musculares, fraqueza, náusea, insônia e inquietação são descritos como sinais de que o corpo está se purificando. Jasmuheen (2000) afirma que ao final, a pessoa não vai mais precisar de comida para viver, nem para lhe proporcionar energia. “*Sua alimentação e energia (nutrientes) serão fornecidos pela Luz. Você vai dar o Salto da Fé e, para isso, aconselho-o a dar um passo além da Ilusão.*” (JASMUHEEN, 2000, p.113).

É fundamental que seja feito fora do contexto cotidiano, sem cozinhar para família, cuidar das crianças, ir trabalhar, atender clientes, dormir no mesmo quarto, ter pessoas a sua volta exigindo atenção e etc. É extremamente nocivo realizá-lo em contexto urbano. É parte fundamental da iniciação espiritual estar junto à natureza, pelo som, pelas cores, pelo ar e pelo prana. É fundamental que tenha alguém te assistindo, mesmo que você se ache super independente e muito evoluído espiritualmente. Se não tem 21 dias para se dedicar exclusivamente ao processo, não o faça. Não é um processo de 19 dias, nem de 14, ele tem funções importantes que requerem 21 dias para serem contempladas. (Oberom – facilitador no Portal Parvati)

Conforme a citação acima, o ciclo de 21 dias é fundamental. De acordo com a Neurociência que é acionada nos discursos nativos, 21 dias é o tempo necessário para uma reprogramação cerebral. A repetição de determinado ato por este período, cria vias sinápticas que transformam alguns comportamentos em ações automáticas, ou seja, tem o poder de criar ou abandonar certos hábitos. O ciclo dos 21 também é o período de dieta líquida de pessoas que realizaram cirurgia bariátrica, e é também o período necessário para a confirmação médica do sucesso de um transplante de órgãos, assim como é o tempo de duração da feitura do santo, o ritual de iniciação do candomblé. Esses são apenas alguns dos exemplos acionados para demonstrar uma espécie de universalidade do poder do ciclo dos 21 dias. Quando são questionados se não podem começar o processo aos poucos, reúnem exemplos da aplicação do ciclo tanto em práticas religiosas, culturais e médicas para justificar a argumentação.

Segundo Jasmuheen (2000) a pessoa que quer realizar o processo deve se preparar para três semanas isolada do mundo – nada de telefonemas, nem de computadores, nem trabalho ou emprego, nada de vida social. Deve desistir de todas as tarefas e ideias de fazer alguma coisa durante esse período, não pode se preocupar com ninguém – “*sua única preocupação é com você mesmo*”.

Depois de começar esse processo, você não pode abandonar seu meio ambiente mais próximo, nem se preocupar com nada de natureza mundana. Portanto, termine todas as suas tarefas ou deixe-as organizadas para outras pessoas tomarem as providências necessárias como, por exemplo, marcar

envolvidos são os mesmos da vida cotidiana. Pessoas, tempo e espaço estão sob influência de uma atmosfera simbólica que os ressignifica e transforma seus atributos e *status*.

entrevistas, reuniões, pagar as contas, molhar o jardim, cuidar dos animais de estimação, etc. (JASMUHEEN, 2000, p.124)

Jasmuheen (2000) afirma que durante o processo de 21 dias, em vez de absorver a energia do sol como fazem as plantas, os seres humanos desenvolvem a capacidade de entrar em contato e absorver diretamente a Força Vital Universal para dentro das células. Isso ocorre através do domínio da mente, onde o controle e a expectativa fazem uso da Lei Universal da Ressonância, por meio da qual os semelhantes se atraem. A pesquisa de medicina holística realizada por ela revela que os seres humanos existem numa realidade física, naquilo que é chamado de sistema de quatro corpos – o corpo físico, o corpo emocional, o corpo mental e corpo espiritual. A autora compara os corpos a um violão de quatro cordas. Quando os quatro corpos não estão sintonizados uns com os outros, as pessoas experimentam graus variados de doença física, emocional ou mental, ou insatisfação com a vida.

Quando esses corpos inferiores (chamados de inferiores por causa da frequência mais lenta de suas vibrações) estão sintonizados com a frequência dos corpos superiores, os seres humanos podem de fato realizar o seu grau máximo de potencialidade nessa vida. Telepatia, clarividência e a capacidade de viver sem comer – e até sem dormir – são apenas os subprodutos naturais de ser um instrumento afinado. Os quatro corpos humanos “inferiores” de energia vibram em frequências diferentes. Além disso, existem corpos de energia superior, que são considerados superiores por vibrarem em frequências mais elevadas. Quando os indivíduos colocam esses corpos energéticos em alinhamento uns com os outros, são capazes de obter um “conhecimento” elevado que inclui a vivência da compreensão do sentido da existência humana à medida que tudo entra em seu devido lugar.

No que se refere à disciplina corporal física observada no Portal Parvati, durante a oração (mais detalhada no Capítulo 2) todos permanecem no *Padmasana*, popularmente conhecido como posição de lótus. Esta posição consiste em uma postura em que o indivíduo permanece sentado com as pernas cruzadas e os pés em oposição às coxas. É considerado o maior símbolo da espiritualidade oriental e se tornou o símbolo universal da meditação. Um professor de Yoga que não está ligado ao Portal Parvati, me afirmou que é preciso educar o sistema circulatório pacientemente ao longo dos anos até conseguir praticá-la durante horas sem perder a sensibilidade ou a circulação nas pernas e pés. O tempo de permanência, normalmente indicado nos compêndios de yoga para conquistar o *ásana* é de três horas, “*porém uma grande dose de bom senso se faz necessária. Comece com poucos minutos e vá acrescentando alguns segundos diariamente*”.



Figura 6 - Babaji³⁰ em posição de lótus.

O tempo da oração em si, é bem menor. Mas há um esforço enorme, dos visitantes (nos quais eu me incluo) em se manter na posição de lótus. Paira no ar uma espécie de intimidação em fazer os mesmos movimentos que o restante do círculo. Meu pai participou de orações comigo, e sentiu enorme dificuldade e sucessivas dores em se manter em padmasana. Certo dia, eu lhe sugeri para se sentar “normalmente” de forma mais confortável, pois em hora nenhuma aquilo se mostrava obrigatório. Ele respondeu: *“Laryssa, se a gente vai numa igreja e o pastor fala que quem sentir o desejo no coração deve se ajoelhar e a igreja toda se ajoelha, não importa se você não tá sentindo o desejo. Você ajoelha também para não ser o diferente e ficar sendo observado e julgado por ser o único que não está fazendo a ação”*. Ao final da oração, as pessoas se apresentam dizendo seu nome e onde moram. Se elas estão realizando o processo, dizem em qual etapa estão e em seguida narram como enfrentaram aquele dia. Os momentos das orações e avaliações diárias são os únicos em que o silêncio do ritual é interrompido.

É importante ressaltar a fluidez do processo, ao mesmo tempo em que entram, saem pessoas todos os dias. Ao longo da dissertação eu me refiro várias vezes mencionando o dia e a semana em que a pessoa está no decorrer do ritual, pois é o modo como eles se apresentam na avaliação diária. Por exemplo, o correto é “estou no terceiro dia da segunda semana” e não “estou no décimo dia do processo”. As pessoas não constituem um grupo nem mesmo durante os 21 dias, e isto é extremamente elogiado por quem conclui o ritual, como no seguinte trecho de diário de campo:

Quería agradecer pelo modo como o processo é organizado, sei que dá muito mais trabalho fazer o que vocês fazem, mas faz toda a diferença. Sei que seria bem mais fácil juntar um único grupo para que começasse e terminasse o processo no mesmo dia e hora. Tenho certeza de que pouparia muito dos facilitadores, de ter que dar instruções e cuidados diferentes para cada uma das pessoas. Mas acreditem faz muita

³⁰ Babaji é um iogue imortal, um santo crístico que foi revelado para o mundo moderno através da “Autobiografia de um iogue” escrita por Parahamansa Yogananda.

muita diferença. Obrigada por este cuidado (Trecho do agradecimento de uma senhora que estava no sétimo dia da terceira semana, concluindo o seu processo ritual – última oração. Fevereiro de 2017).

A ordem das avaliações diárias é controlada pela Nirvana, uma das facilitadoras mais que fundamentais no funcionamento do Portal Parvati. De forma impressionante ela memoriza o dia e a semana em que cada um está e vai indicando o momento em que devem falar e silenciosamente não deixa ninguém esquecer nenhum detalhe. A pessoa mais antiga no ritual é a primeira, e em ordem decrescente vão realizando as avaliações até chegar nas que estão na primeira semana. Tal estratégia é elogiada pelo fato de que as pessoas em uma etapa mais avançada servem de inspiração para quem está iniciando a travessia. Muitas delas narram que ao crer que não conseguiriam suportar, ao ouvir a avaliação de alguém bem a frente reacendem a coragem interior e voltam a acreditar em suas capacidades de enfrentar a experiência.

A primeira semana

O processo inicia-se sempre à meia noite³¹. Na primeira semana, o foco é o corpo físico e a expressão da identidade do ego. A pessoa retira de seu organismo a entrada de qualquer tipo de elemento externo, incluindo todo tipo de líquido, até mesmo água. Em algum momento, do terceiro para o quarto dia provavelmente durante o sono, seu espírito irá se retirar do corpo e haverá um realinhamento dos chakras e uma alteração na memória celular³². Jasmuheen (2000) alerta que com a saída do espírito, todos os seus sentimentos também vão sair com ele e talvez você se sinta vazio. Um homem descreveu a sensação deste dia como se *“todo amor do mundo tivesse ido embora, parecia que eu fui beijado por um dementador*³³.”

Na terceira noite, os seres de luz trouxeram um conta-gotas etéreo para me suprir de prana. Sua presença era tangível. Esse alinhamento físico parecia com as rodas giratórias dos chakras e eu rapidamente consegui aquecer as mãos e os pés. Descansei pelo resto da semana três vezes por dia durante duas horas, pratiquei gratidão, colori mandalas diárias e fiquei com uma boca cada vez mais seca. Lavar e escovar ajudou um pouco, mas permaneci cauteloso. Eu não queria engolir uma gota e interromper o processo de alinhamento. (Trecho da avaliação diária de um homem, - Diário de campo 2017)

³¹ “Note, por favor, que o uso de meia-noite não tem nada a ver com “hora mágica”, como entendeu uma querida senhora francesa – significa apenas o fim do dia.” (JASMUHEEN, 2000, p. 137)

³² Esta etapa as vezes é relacionada com “walk-ins”. Este termo é utilizado para designar a troca de uma individualidade em diversos níveis. No circuito new-age, o termo foi popularizado por Ruth Montgomery em seu livro *Strangers Among Us* de 1979. Walk-in são voluntários imateriais que através de uma transmutação monádica usufruem de corpos humanos já materializados, para cumprirem certas tarefas missionárias em caráter de serviço evolutivo. Trigueirinho é uma das manifestações mais conhecidas no Brasil.

³³ No universo Harry Potter, **Dementadores** são criaturas das trevas que tem o poder de drenar a alegria e a esperança dos humanos, criando um ambiente de frio, escuridão, tristeza e desespero.

Na manhã do quarto dia, seu Eu divino e aqueles que ascenderam vão começar a trabalhar imediatamente depois que o espírito se retirou para evitar o início de um processo de morte. É normal que as pessoas percam o sono, mas não é uma regra, cada organismo reage de forma distinta. Dependendo do estado mental, há relatos de pessoas que não sentem nem fome, nem sede, tampouco fraqueza. Do quarto ao sétimo dia, de acordo com o manual do livro *Viver de luz*, uma “gota” etérica é inserida na região das costas perto dos rins, de modo que não há necessidade de se preocupar com a falta de líquidos. O livro sugere que a pessoa se mantenha em repouso e imóvel em três períodos ao longo do dia. As pessoas podem estabelecer o horário que elas quiserem, mas é sugerido 10:00 da manhã, 1:00 da tarde e 4:00 da tarde. O processo de realinhamento dura aproximadamente 2 horas de cada vez. Nestes sete dias iniciais, a desintoxicação começa com uma parada radical do sistema digestivo, forçando, em nível mental e energético, a maior atividade das glândulas pineal e pituitária.

Uma semana onde a gente tira todos os apoios do nosso ego e a gente passa uma semana sem social, sem entretenimento, sem conversa, sem comida e incluso sem aquilo que o nosso corpo entende como o seu sustento primário, que é a água. O ego entra numa situação radical em que ele se mostra bastante (Oberom – facilitador no Portal Parvati).

A pessoa pode ter o que é definido como “aumento etérico de temperatura”, e acabar sentindo muito calor. Segundo Jasmuheen (2000) é um sinal de que está tudo indo bem. As pessoas podem se sentir tentadas a tomar banhos muito frios ou pular em piscinas; mas é recomendado que não se faça isso – resista. Ambas são medidas muito drásticas para o corpo nesse momento. A primeira semana é chamada de travessia do deserto interno. O imaginário do deserto é uma ideia muito presente no quesito da superação. Para Polvinelli (2013) o deserto configura “*a existência como existente, mas não como vivida ainda, um ser que não é animado pelo Dasein*”³⁴. (POLVINELLI, 2013, p. 17). No imaginário do Prana Prasakti, a simbologia do deserto não deve significar que a pessoa precisa vencê-lo, o objetivo é atravessá-lo.

É uma espécie de exílio, onde você vai conhecê-lo, vai se conhecer dentro dele e buscar respostas dentro dele. Então eu não entro tendo que segurar minha onda para aguentar sete dias, eu entro e eu quero viver cada um dos dias de deserto com tudo que o deserto pode me oferecer. É muito bonito ver as pessoas se desvinculando dessa coisa do personagem, deixando as crenças sobre a água e a sobrevivência em segundo plano e caminhando para um outro patamar de entendimento de si mesmo (Fala de um facilitador do Portal Parvati).

34 Segundo Heidegger, a substância do Dasein é a existência e não o espírito enquanto síntese de corpo e alma. O Dasein não pode ser caracterizado fora da existência. Ele é seu compreender-se e seu projetar-se. É um ainda-não, que se lançando na existência reside na não totalidade. A existência é a sua essência. O Dasein é um “poder-ser” sempre, nunca é algo já feito, permanece sempre em construção. Ver HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo: parte II*. 2ªed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Parte II Petrópolis: Vozes, 1998.

O sétimo dia da primeira semana do ritual é de uma densidade muito particular. Na oração desta noite, a pessoa que está há sete dias no completo deserto toma o seu primeiro gole de água, reencontrando o que é definido como o Oásis da vida. Durante o momento da oração, uma das facilitadoras vai até a pessoa com uma jarra e enche meio copo. Ao contrário do que eu pensava o primeiro contato com a água não era abundante. É regrado, e outro meio copo de água só é servido 1 hora depois. Perdi a conta de quantas vezes presenciei esta cena em campo. Eu me emocionei absolutamente em todas elas, e em várias eu me encontrei em prantos. Acredito que a tentativa de descrever esse ato é uma das partes mais difíceis de todo o meu ‘fazer antropológico’. O exercício da corporificação do pensamento não verbal é um enorme desafio para qualquer pesquisador que aceite ser afetado, e uma humilde tentativa de teorizar emoções vai muito além da semântica.

Como defende Merleau-Ponty (1999) a experiência perceptiva é uma experiência corporal e o “mergulho para dentro de si” ilustra perfeitamente esta afirmação. As pessoas se expressam corporalmente durante o ato, como se muito lentamente conseguíssemos observar a água traçando um percurso dentro do corpo da pessoa, inundando-a aos poucos. Como descrever o completo silêncio de um ato? O movimento de levar o copo a boca acompanhado de mãos trêmulas, o primeiro contato com o paladar, a deglutição da água e posteriormente as pessoas na maioria das vezes com os olhos marejados tendem a percorrer o próprio corpo com o olhar, ficando encarando as mãos, e os dedos por longos segundos.

Ao longo dos dois anos, meu diário acumulou relatos de pessoas afirmando terem sentido gosto de fruta muito forte na boca especificamente nesse dia; pessoas afirmando que saíram pedacinhos de seus lábios, que a sensação da boca seca havia chegado ao extremo. A ansiedade causada pela proximidade do primeiro contato com a água tornava o sétimo dia da primeira semana, bastante conturbado. Na primeira visita que realizei ao Portal, encontrei uma mulher do Rio de Janeiro que estava nessa fase e ela descreveu que naquele dia em particular, seu ego havia dado muito trabalho. Ela não havia conseguido se manter presente, muito menos dormir, contando os segundos para que chegasse finalmente meia noite para “*já ser o dia em que ela iria beber água.*” Nirvana, uma das facilitadoras disse que entendia que ela estava sentindo a boca muito seca, mas explicou que se ela bebesse uma quantidade grande de água de uma vez só o organismo não saberia responder e ela iria ter a sensação de sede cada vez maior. Nirvana seguiu dando dicas, como por exemplo, que era aconselhável beber lentamente a água, pois era melhor estar sempre bebendo um pouquinho durante 1 hora, do que beber o meio copo nos primeiros 15 minutos e ter que permanecer os outros 45 minutos com sede.

Não consigo encontrar nenhuma recorrência no modo como as pessoas experenciam o sétimo dia da primeira semana. O momento da água é tomado por uma comoção tanto da pessoa que vai se reencontrar com ela, quanto dos demais presentes que vão compartilhar daquele instante. Inclusive, no dia em que alguém vai se reencontrar com a água, os facilitadores estão no templo sempre munidos com caixas de lenço de papel. A forma como as pessoas realizam a sua transição, é muito particular. O processo de ninguém é semelhante e o dia mais transformador de um, pode ser mais tortuoso do outro. Para quem vê de fora, se eu tivesse que escolher um momento em que eu considerasse o ápice do ritual, o momento mais simbólico, sem pestanejar, seria o sétimo dia da primeira semana.

A segunda semana

Na segunda etapa do ritual é trabalhado o corpo emocional, é nesta semana que acontece a limpeza das ligações kármicas. Os facilitadores afirmam que “*devemos enviar Luz às pessoas que aparecem na tela mental- perdoar, pedir perdão, agradecer e curar*”. É muito provável que a pessoa seja bombardeada com projeções mentais de fontes externas e que sinta que seu ego e sua personalidade tenham ficado descontrolados. Mas é necessário não duvidar que se está em segurança, e não se dê absolutamente nenhum crédito à possível negatividade das fontes externas. No decorrer dos dias, é sempre lembrado que o processo é interior, e que nesta etapa surge muita vontade de socialização. As pessoas devem enfrentar com coragem e absoluto silêncio. Nesta semana também são introduzidas gradualmente caminhadas, que são discutidas mais detalhadamente no capítulo 3.

De acordo com os facilitadores, é neste período que o ego leva você a reviver conflitos, traumas e medos do passado. Superada a desertificação interna, a fase mais difícil do processo, no reencontrar o Oásis da Vida o mínimo que se deve tomar de líquido é um litro e meio por dia. Chás e sucos são permitidos, porém o suco com apenas 25% de concentração de fruta em água. São oferecidos dois sucos bem diluídos por dia, o sino é soado às 9h e às 14h para quem desejar, mas é sempre lembrado que as pessoas devem se policiar. É necessário entender que o corpo precisa mais do que nunca de repouso, pois a pessoa passou por um grande realinhamento energético. Desse modo, o processo de cura vai durar os próximos sete dias da segunda semana.

A terceira semana

Nos últimos sete dias trabalha-se o corpo mental. Os facilitadores afirmam que é a parte mais importante do processo, pois *“a mente é o lugar de onde você constrói todas as suas prisões, todos os seus sofrimentos. É uma semana de cirurgias aqui (aponta para cabeça). Então ela depende muito do bom funcionamento das outras duas semanas.”* (Trecho de diário de campo). O conceito de mente ecológica de Bateson (1972) apresenta-se como uma referência fundamental para o desenvolvimento da argumentação de Isabel Carvalho e Carlos Steil (2008), e uma profunda inspiração em minha etnografia na reflexão acerca do corpo mental desta terceira semana. A mente ecológica, na qual os sujeitos vivem a experiência do sagrado e de bem-estar em harmonia com a natureza, está dentro e fora do corpo individual. É, nesta fronteira permeável entre o “eu” e o mundo que se conectam os processos culturais e religiosos com os processos biológicos e ambientais.

Ao aproximar a concepção de mente (ecológica) da noção de Deus, Bateson afirma que: *“[a mente] é talvez o que algumas pessoas imaginam como Deus, mas isto é ainda imanente na totalidade do sistema social interconectado no sistema planetário ecológico”* (BATESON, 1972, p. 467 apud CARVALHO; STEIL 2008, p.299). Ao afirmar que a mente não está presa à caixa craniana, mas se projeta no meio ambiente, conectando as coisas no mundo, inclusive os sujeitos humanos, Bateson não está propondo uma metáfora. *“Ao postular uma mente que transcende o indivíduo, da qual a mente individual é apenas um subsistema, Bateson desencadeia uma virada ecológica com consequências significativas para a área da antropologia e da psicologia humana”* (CARVALHO; STEIL, 2008 p. 299).

Tim Ingold, ao seguir os passos de Gregory Bateson (1976), considera que a percepção do ambiente não é uma atividade exclusiva da mente, mas sim *um processo contínuo que envolve todo o corpo*. A mente está, portanto, menos dentro da cabeça e mais no mundo. Nos termos de Bateson (1976 apud Chiesa 2017), a mente não se limita à pele, mas ao contrário, se expande pelos múltiplos caminhos da percepção sensorial, sendo imanente ao sistema total de relações entre organismo e ambiente onde nós, humanos, estamos envolvidos.

Sendo assim, mente e corpo ou, de igual modo, cultura e natureza, não são duas dimensões separadas, mas duas maneiras de evidenciar um mesmo processo: a atividade, o movimento, os caminhos seguidos ou experimentados pela *pessoa-organismo* em seu ambiente. Movimentar é, portanto, uma forma de perceber, conhecer e interagir com o mundo. Movimentar é estar vivo, e viver é um processo de desenvolvimento. (CHIESA, 2017, p.419)

Ao longo da terceira semana, o sino também soa às 9h e às 14h para indicar que os sucos estão prontos. Nesta etapa, eles são oferecidos, um pouco mais concentrados (40% de fruta em água). Uma mulher de Caxias do Sul que estava no sexto dia da terceira semana, ao final de sua autoavaliação diária, foi aconselhada pelos facilitadores a aproveitar o último dia como se ela estivesse no meio do processo; sendo assim, a ansiedade não tomaria conta. Indicaram que ela só deveria começar a arrumar as suas coisas para ir embora após a oração do dia seguinte, ou seja, no final da noite.

É a semana que o ego tende a ir para o futuro, planejamentos e coisas desse tipo. Essa é a semana de reafirmar a nossa presença, de fazer com que a gente volte pro aqui e pro agora. Esse trabalho ressoa no planeta. O processo é uma iniciação espiritual que não quer inflar o ego de ninguém, dar poderes... Apesar de ser sem comida, o objetivo dele não é fazer parar de comer, é buscar o autoconhecimento (Oberom – facilitador no Portal Parvati).

Os praticantes afirmam que após o final do processo ritual, a pessoa estará totalmente livre dos conceitos sociais e médicos sobre a necessidade da comida na vida do ser humano. O questionamento mais recorrente aos métodos da eficácia do processo ritual é: “Por que ele não é realizado ao contrário?” Diversas pessoas se questionam se o processo não deveria começar com a dieta líquida e ir eliminando gradativamente até que a pessoa consiga ficar em completo jejum. A justificativa para todas as restrições radicais serem feitas logo na primeira semana é narrada pelos facilitadores na seguinte historinha:

A gente brinca que a historinha é a seguinte: o nosso ego precisa do social. Então no processo a gente fica isolado, em retiro. Cada um em silêncio, no seu canto, muita natureza, rede embaixo das árvores, e etc. Você fica na sua, tem o seu espaço. Quando o ego não tem social, ele parte para o entretenimento. Tipo ele quer ver quantos likes ele teve, quem compartilhou a história dele. O ego quer que reafirmem que ele existe. A gente tira, a pessoa não tem computador, não tem celular, não tem televisão. Sem entretenimento o nosso ego quer conversa, parece a mesma coisa falar de social e de conversa, né? Mas não. Conversa no sentido de eu quero falar. Principalmente porque eu quero me escutar, eu existo. Eu sou separado, eu sou um indivíduo. Mesmo que seja com a parede ou com a plantinha. Então é por isso que lá a gente preza pelo silêncio absoluto, você vai fazer 21 dias em silêncio. Tem um horário que a pessoa é liberada para pessoa estar conversando, que é a avaliação diária após o horário da oração. Não é um silêncio militar porque tem as facilitadoras que vão passar sempre para ver se você está bem. Mas é um silêncio. Quando não tem entretenimento, e não tem conversa o ego quer comer. Macaquinho social, sexual e sobrevivência. Quando não tem o social, a conversa, o entretenimento e a comida, me resta o personagem, que eu vou lutar para manter, porque ele é o responsável pelos meus prazeres sensoriais que me reconhecem enquanto indivíduo. Dentro do arquétipo do eu superficial, do eu personagem existe a informação de que água é vida, é por isso que a gente tira a água. Aí é uma semana onde você tem um ego sem tanto suporte e aí ele se mostra e é o momento em que você deve se descolar dele e olhar para ele. É um processo simples, nada é muito induzido, vai tudo fluindo. As regras são tipo jogo de futebol, são regras muito simples que permitem coisas muito complexas. E a gente é bem criterioso e a gente cuida mesmo para essas regras serem seguidas
(Trecho de diário de campo).

“Você tem fome de quê? O desejo de sentir sabores

Jasmuheen afirma que a maior pedra no caminho de muitos envolvidos com esse “trabalho pioneiro” é o desejo intenso de sentir os sabores, de ter as sensações do gosto. No livro *Viver de Luz*, é descrito que quando as pessoas param de comer, têm o desejo de sentir um sabor muito picante ou muito doce, oscilando entre os dois. A própria Jasmuheen narra que depois de viver anos quase que exclusivamente de água, chá e um pouco de sopa diluída em situações sociais, entre agosto de 1995 e janeiro de 1996, fez experiências com mais sabores. Ela afirma ter clareza de que as coisas que ela “beliscava” não tinham nenhum poder nutritivo, pois muitas vezes era apenas um biscoito de chocolate ou algo de gosto marcante que ela não teria comido no passado devido à “falta de valor nutritivo”.

Durante os últimos anos, muitas vezes fui orientada pelos Mestres no sentido de parar até mesmo de ingerir líquidos. Eles me asseguraram que o corpo só precisa da “Luz”. Mas eu gosto de me reunir com os amigos para tomar uma xícara de chá e – no momento em que escrevo – ainda não dominei meu tédio intermitente com a ausência dos sabores. É importante não negar o desejo pelos sabores, a intenção é que seja uma viagem prazerosa. Quando consigo parar de beber sem sentir que estou me negando algo, eu paro pois, desejo dar todos os passos do caminho com alegria e conforto, com facilidade e graça. (Jasmuheen – trecho de diário de campo.)

Uma das saídas indicadas no livro para lidar com o desejo por sabores é se aprofundar no estudo da tradição ayurvédica. A alimentação baseada na dieta ayurveda, oferece um leque de ervas, condimentos e especiarias que é capaz de satisfazer completamente todos os desejos de sentir os sabores. A cúrcuma por exemplo, atua como um antídoto contra desequilíbrios do organismo. Uma definição fisiológica direta do conceito de gosto se refere ao estímulo sensorial único da língua, em outras palavras do paladar. Murrieta (2001) alega que o conceito de sabor pode ser considerado uma representação do gosto mais avançada e talvez mais refinada. A experiência degustatória é representada como “um contínuo de sensações”, mas não se restringe puramente a experiências sensoriais e processos fisiológicos. O gosto é uma experiência diretamente relacionada a representações culturais, sociais e emocionais.

Toda experiência sensorial é contextual, mas o gosto tende a ser excepcionalmente restrito, como analisa Priscilla Ferguson (2011). A autora alega que o gosto é o mais íntimo dos sentidos, e que há uma associação inerente de gosto e ego. Segue afirmando que você é o que você come, quer queira quer não, no estrito sentido fisiológico do termo. O corpo humano incorpora literalmente a comida consumida.

Of the five senses familiar to the modern West, none raises so many uncertainties, and none makes such claims of significance. Every assertion that there is no accounting for taste brings into play not only all the senses but also the self. To order the confusion

of experience, against all odds, all kinds of people spend a good deal of time accounting for taste—describing the indescribable, measuring the immeasurable, generalizing the singular. [...] **Unicity sets taste apart from the other senses that work from a sensory object that exists more or less stably outside the individual. However divergent the interpretations of the sensory experience, the same sight is there for others to see, the same sound to hear, the same scent to smell, the same object to touch. Not so for food.** (FERGUSON, 2011, p. 371-372 – grifo nosso)

Algumas pessoas que se submeteram ao ritual, me confessaram que buscavam comer todas as suas comidas favoritas na véspera. Temiam não saber se seria a última vez em que teriam a oportunidade de sentir tais sabores. Uma mulher de 25 anos me afirmou que mesmo tendo feito um “pré-processo”, eliminando o consumo de carne, de leite e derivados, ela sabia que o Prana Prasakti era transformador demais e tinha medo que após ele, não tivesse coragem de voltar a ingerir alguns alimentos. Ela havia agendado sua estadia em busca de equilíbrio espiritual, mas tinha consciência de que o processo era transformador em diversos outros aspectos. Em meio a risadas disse que sabia que o choque de realidade do Prana Prasakti era maior do que os documentários que ela andava assistindo nos últimos tempos e então resolver ir almoçar numa churrascaria antes de viajar para o Mato Dentro. Ela me disse:

Eu sei da responsabilidade planetária do veganismo, eu quero conseguir! Eu juro que eu venho lutando internamente para isso. Tô tentando me convencer de que dá pra substituir por um hambúrguer de grão de bico, uma carne de jaca, uma feijoada vegetariana mas na moral, o que pega é o sabor. Eu não sei de onde alguns amigos meus me incentivam a provar algumas coisas afirmando: Você nem vai notar a diferença, é igualzinho. Acho que definitivamente eles não comeram a mesma coisa que eu; porque não é nada parecido não. Eu amo os bichinhos, eu realmente espero que o processo me liberte desse desejo de sentir o gosto das coisas.

O retorno ao contato com a água promove uma experiência que, segundo os participantes, promove uma explosão de sensações gustativas. Até mesmo a água, deixa de ser insípida, inodora e incolor e sabores tomam conta da experiência. Geograficamente a Aham Prema está localizada no circuito das águas do Sul de Minas Gerais, o maior complexo hidromineral do mundo. Os parques das águas e balneários presentes em toda a região atraem turistas que buscam tratamentos para problemas de pele, digestivos, hepáticos, alérgicos, reumáticos e cardiovasculares. Águas minerais, gasosas, alcalinas, ferruginosas apresentam inúmeras propriedades físico-químicas medicinais, e também sabores variados, como geralmente relatam com surpresa aqueles que visitam estes parques.

A experiência do retorno do contato gustativo com a água, e relatos sobre “seus sabores” foram fundamentais para uma compreensão mais sutil sobre a importância do “sabor”, e/ou sua ausência. E se tornaram fundamentais na construção de meu olhar sobre o processo do Prana

Prasakti, desviando assim o foco de uma análise exclusivamente focada no tema da alimentação e da nutrição. Se o debate mais público, exterior à prática, centra-se nas discussões sobre a possibilidade e a impossibilidade de viver sem comer; o desafio dos praticantes, anterior à ausência dos alimentos, era a ausência das experiências gustativas, dos sabores, e que estes provocam.

Fome de gente: saboreando a socialização.

Existem configurações energéticas das emoções que ressoam em uma dependência afetiva da comida. Há indivíduos que optam por não comer nem beber, mas a maioria dos chamados respiratorianos ocidentais ainda mantém o ritual de socialização em torno de pelo menos uma xícara de chá, para não ficar completamente alienados no plano social. Absolutamente todas as pessoas que eu conversei sobre um pós-processo relatam alguma parcela de perda de sociabilidade. Diversas pessoas afirmam que apesar de se sentirem bem e com muita energia, a vida social se torna muito mais difícil quando se deixa de comer. No encontro com Jasmuheen no Rio de Janeiro, ela sugeriu que o público questionasse a própria palavra comemorar, e o quanto a socialização era intimamente relacionada a comida. Provocou o público com perguntas como: *“Quantas pessoas no mundo comem por questões emocionais? Alguém aqui come por questões emocionais? Existem Sete bilhões e meio de bolhas de energia nos sistemas humanos, porque a gente fica tão impressionado com a questão da sobrevivência? Há uma grande alegria em socializar usando a comida: “Vamos jantar juntos? Um jantar romântico? Um casamento? Quanta comida é consumida num casamento?”*

O consolo emocional na comida e a tênue fronteira entre fome afetiva e fome biológica é essencial para entender os emaranhados do ritual. Jasmuheen perguntou a plateia: “Vocês querem saber como eu me alimento?” Jas veio caminhando em minha direção, e me escolheu dentre mais de 50 pessoas para abraçar e fazer uma demonstração. Minha sensação era de que aquele abraço foi muito longo, estava extremamente constrangida e só conseguia pensar em quais as chances de ela ter escolhido justamente eu. No intervalo do referido encontro, eu que tinha ido completamente sozinha virei uma espécie de celebridade do lugar. As pessoas vinham falar comigo emocionadas, por eu ter tido a sorte de ser “jantada” por Jasmuheen.

Machado (2010) chama a atenção para o delicado debate entre família e liberdade individual quando grupos com um certo sentimento religioso inclassificável estão envolvidos. A antropóloga utiliza exemplos de divórcios, e cita o caso do sofrimento de um membro do movimento raeliano que foi privado pela nora do convívio com a neta; afirmando que por vezes

“a rejeição dos familiares chega a alcançar níveis dolorosos para os envolvidos” (MACHADO, 2010, p.153). Durante o workshop realizado no Rio de Janeiro, um dos momentos mais emblemáticos da noite ilustra a complexidade da relação família e liberdade individual descrita acima. No decorrer das perguntas realizadas à Jasmuheen, uma mulher de aproximadamente uns 50 anos pediu a palavra e muito emocionada mencionou que havia realizado o processo de 21 dias. Relatando que sua família não aceitou e ela foi obrigada a voltar a comer, sob ameaça de internação, em suas palavras:

Acabei emagrecendo 10 kg, embora eu já estivesse muito magra, eu fiquei mais ainda. A experiência para mim foi maravilhosa, a melhor sensação que eu tive foi quando fui fazer compras. Quando eu cheguei ao mercado, eu olhei tudo aquilo todas aquelas frutas e eu comecei a rir, a rir, a dar gargalhadas. E pensei eu não preciso de mais nada disso, que maravilha. Só que a minha família não aceitou, queriam me internar. Disseram que eu era louca, então eu voltei a comer, mas eu como agora só o que eu quero. Eu amo chocolate, bebo café, às vezes almoço, as vezes não almoço. E achei a experiência maravilhosa. (Trecho de diário de campo- Workshop com Jasmuheen Rio de Janeiro, 2017)

Jasmuheen ao responder a senhora afirmou que entendia o sofrimento que era pensar “*minha família me ama, não é meu trabalho causar tanta dor e separação em relação aos meus entes queridos*” sendo assim, sugeriu que ela concordasse em passar por testes médicos, afirmando que tais testes comprovariam que ela estava plenamente saudável. Aconselhou que com os resultados em mãos ela fizesse a seguinte pergunta aos seus familiares: “*Vocês vão parar de se preocupar comigo e dar apoio às minhas escolhas se eu comprovar que o meu templo de saúde está perfeito?*”.

E a respeito de um possível incômodo com a aparência e com os reflexos no espelho, afirmou que através somente da meditação e da entrega era possível ver milagres no nosso templo biológico (corpo). Jas afirmou que se entregava a própria divindade que ela era, cada célula, cada átomo, e cada molécula. “*Me alimente, faça que eu tenha o peso que você deseja que eu tenha. Quando eu fiz isso, minha essência falou aaaaah ela tá muito magrinha... em 3 semanas, eu ganhei 8 kg sem comida. Verdade? Sim! Só por causa da clareza da entrega*”. Uma professora de Yoga afirmou que voltou a comer depois de muito tempo, pois sentia falta da relação com as pessoas, se sentia distante da família. Leonardo (2009) afirma que comer é mais que ingerir um alimento, significa também as relações pessoais, sociais e culturais que estão envolvidas naquele ato. A comensalidade está diretamente ligada a manifestação das pessoas na sociedade.

Socialmente, não há motivo algum para não estar presente na hora do almoço e do jantar de outras pessoas. Por exemplo: você pode pedir uma tigela de sopa leve e uma

bebida sem chamar atenção sobre si e sem parecer diferente. Assim que você estiver à vontade e aceitar sua nova maneira de ser, os outros não vão sequer notar ou se preocupar com o que você está comendo. Descobrimos que nossas atividades sociais e nossos negócios giram em torno de refeições em restaurantes, lanchonetes etc., costumam ser mais fáceis. (JASMUHEEN, 2000, p. 139)

“Não é o não comer que promove felicidade, mas é a felicidade que pode permitir o não comer”

Ao terminar o processo dos 21 dias, a comida até então compreendida como uma necessidade vital, agora muda de sentido e passa a ser apenas e simplesmente um prazer bucal e mental e não mais uma obrigação orgânica. Muitos que passam pelo processo, decidem por voltar a ingerir “coisinhas” esporadicamente, mas aprendem a realizar todo o processo de digestão na boca (usando a mastigação e a salivação), e não mais no estômago. Há inúmeros trechos em meu diário de campo em que Elcy fala sobre o comer errado. Elcy ilustra através do movimento do garfo o jogo da comida, associando-o ao emaranhado temporal tão caro a todas as fases do processo. As pessoas comem pensando em apenas duas destas temporalidades, o passado ao engolir e a ansiedade (futuro) contida na próxima garfada. Não aproveitam o presente, que é a comida da própria boca. Sempre bem-humorada, afirma que “*o estômago não tem dentes*”.

Mastigar por 15 minutos o mesmo alimento resulta automaticamente na sensação de saciedade. A fim de comprovar tal afirmação, Elcy narrou que certa vez a cozinha de um Encontro Nacional de Comunidades Alternativas ficou sob sua responsabilidade e ela obviamente por não ter habilidade com isso, calculou a proporção de comida para o número de pessoas de forma errada. E propôs que todos tivessem a experiência de praticar uma varredura durante o mastigar. A varredura é uma técnica de meditação associada ao vispassana que consiste em um movimento sistemático da atenção sobre cada centímetro quadrado do corpo observando quaisquer sensações que possam ser notadas. Consiste em fechar os olhos e percorrer com o pensamento dos seus fios de cabelo até os dedos dos pés, percebendo sensações físicas como calor, frio, pressão, formigamento. Moral da história, segundo Elcy a comida do ENCA foi mais do que suficiente para saciar a família arco íris presente.

Counihan (2012) afirma que os dados etnográficos sugerem que a comida é um cuidado particularmente importante e um símbolo em todas as culturas, e a sua recusa traz inúmeras implicações. Segundo a antropóloga, uma visão do mundo dualista e absolutista estabeleceu um contexto em que uma negação total do apetite é um caminho significativo e admirado para a perfeição. “*A negação da comida e do apetite traz a seus praticantes dignidade moral, admiração e os estados desejados de santidade, delicadeza ou magreza, estados efêmeros que*

podem envolver a inteira negação das jejuadoras, através da morte” (COUNIHAN,2012, p.46). Para a autora, uma perspectiva totalizante e intercultural da antropologia pode ajudar a explicar o extremo jejum através de um conjunto de forças culturais que influenciaram a relação da comida com o corpo. O controle corporal na maioria das vezes é uma expressão do controle social. Jasmuheen afirma que as pessoas que tiveram êxito nessa prática são instrumentos afinados que estão desenvolvendo ou já possuem grande controle sobre sua estrutura molecular; podendo manipular o tamanho e a forma do corpo a seu bel-prazer por meio da reprogramação. Para ela, *“o corpo é um biocomputador, a mente é o pacote de software, a vida é o produto dos dois.”* Em sua opinião, pensamento de boa qualidade produz vida de boa qualidade; o pensamento ilimitado produz vida ilimitada.

Considerando a constituição de sujeitos e a emergência de espiritualidades onde a experiência do sagrado está associada ao cultivo de uma interioridade pessoal (*self interior*) e à aproximação com a natureza, observamos um campo comum de aspirações e horizontes imaginativos em torno de concepções de saúde, bem-estar e cura, tanto em nível individual quanto planetário. Motivados pela crença no aperfeiçoamento de si, tanto os sujeitos ecologicamente orientados quanto os adeptos das espiritualidades do *self*, fazem uso de técnicas corporais e mentais que incorporam a ideia de saúde e bem-estar. (CARVALHO; STEIL, 2008, p.302)

Em resumo, o mais importante é ter presença, estar consciente nas ações e, no que tange a alimentação, o não comer não tem relevância se comparado com o cuidado ao “o que comer”, “quanto comer”, “quando comer” e “onde comer”. *“Só é possível se manter sem comer estando feliz. Não é o não comer que promove felicidade, mas é a felicidade que pode permitir o não comer.”* É muito comum as pessoas não reconhecerem seus vícios alimentares e defendê-los com unhas e dentes, mesmo que o hábito alimentar em questão seja nocivo ao indivíduo, aos animais e ao planeta. A militância que envolve o Portal Parvati não pretende fazer com que as pessoas deixem de se alimentar, e sim tenham consciência do quanto este ato ressoa no universo. Para eles, o ser humano tem responsabilidade direta no sofrimento do planeta. Almeida (2017) inspirada pelas abordagens de Lévi-Strauss nas mitológicas reflete que se a comida é boa para pensar é, em consequência, boa para comer: na medida em que os alimentos devem ser primeiro considerados *“comestíveis por nossa mente, aceitos por seus significados sociais e, depois, digeridos pelo nosso organismo. Primeiro, pensamos-los e, se aptos para nosso espírito, comemo-los.”* (ALMEIDA, 2017, p.3)

Buscando se distanciar cada vez mais do rótulo das pessoas que não se alimentam, Oberom sempre reserva um tempo em todas as suas palestras para falar algo que *“não é gostoso de ouvir, incomoda bastante, mas tem uma relação muito forte e íntima com o planeta”*. Afirma

que muitas vezes, não somos coerentes com o nosso desejo e o nosso discurso de paz para o planeta Terra. Oberom sempre cita Schopenhauer para introduzir o assunto: Para Schopenhauer, existem três formas de recepção da verdade, a primeira é a ridicularização, *“eu escuto, aquilo me incomoda e começamos a brincar com aquilo, como se não devesse ser levado a sério.”* A segunda forma de recepção da verdade *“é a reação agressiva, eu escuto, aquilo incomoda e eu reajo. Eu quero calar a boca daquele que está me incomodando com as informações.”* A terceira forma da recepção da verdade, é a aceitação. *“Eu escuto e eu reconheço que aquela verdade é maior que a minha”*. Se a mudança vai acontecer ou não, a partir disto é uma questão da consciência de cada indivíduo. *“Vocês podem sentir que é um pouco pretensioso eu estar aqui para falar a verdade, mas o que eu vou falar é a verdade.”* Em suas palestras reconhece o privilégio da plateia, formada massivamente por brancos. Afirmando que é triste ter que reconhecer o quanto a nossa sociedade é racista e montada para atender a um personagem, homem, branco hétero, privilegiado. Oberom apresenta dados para a plateia como por exemplo o número de pessoas que vivem sem água potável, que passam fome e que estão encarceradas.

Existem 700 mil pessoas em cárcere, mas talvez vocês pensem: ah mais são bandidos. 40% dessa população ainda não foi julgada. Eu não sei se vocês sabem meio bilhão de pessoas não tem acesso a água potável no planeta, a gente abre a nossa torneira e acha que sempre vai ser assim. Mas é importante a gente reconhecer que estamos destruindo a nossa bomba de água chamada floresta amazônica. Tudo isto para colocar gado, e a soja pro gado. E não é para melhorar a economia de exportação, porque 90% do consumo da carne é para o próprio brasileiro. Nós destruímos a Amazônia no nosso almoço, no nosso jantar. Eu não sei se vocês sabem, um bilhão de pessoas passam fome. Somos sete bilhões, e um sétimo passa fome. E não é por falta da produção de alimento, a gente produz o equivalente para alimentar 14 bilhões de pessoas. Isso acontece porque a gente direciona os grãos para o gado para produzir a carne que os privilegiados comem. 95% da produção da soja é para ração animal, 85% do milho produzido é para gado leiteiro e gado de corte, para as galinhas poedeiras e pro frango. A cada segundo 1 boi, 1 porco e 180 frangos morrem matados para saciar um prazer desnecessário. Eu sou do Sul de Minas, Serra da Mantiqueira, na língua nativa: serra que chora. Porque tem cachoeira em todo lugar, águas brotam do chão, gasosas, carbogasosas, águas medicinais. Comprei um sítio a três anos atrás que era cortado por um córrego, secou. Todo ano 5 rios secam no cerrado, porque hoje virou pastagem e plantação de soja. É Claro que toda essa degradação chegará na cidade, apontando para plateia disse, mas até esse dia chegar nessas pessoas privilegiadas, muita gente vai ter sofrido muito. Quando fazem racionamento de água, são as torneiras da periferia que são fechadas para atender os privilegiados.

(Trecho de diário de campo- Evento: Desperta Rio).

Em um de seus livros, Oberom relata ter sido convidado para realizar uma série palestras em Israel. Yair, nome da pessoa responsável pelo convite e pela viagem, tinha como plano transformar Israel na primeira nação livre da dependência de comida no mundo, e sem que Oberom tivesse consciência deste objetivo, a passagem dele por lá seria o começo da

concretização destes planos³⁵. As palestras a princípio, teriam tradutores, mas acabaram se tornando as primeiras palestras proferidas por Oberom em inglês, um enorme desafio, pois ele sentia que não dominava um vocabulário suficiente da língua. Yair sempre o ajudava fazendo intervenções empolgadas para ajudar na explanação. Oberom relata que as intervenções de Yair sempre giravam em torno das possibilidades de transformação vindas pelo aspecto do não comer, afirmando que essa seria a forma de vida do futuro, que assim erradicaríamos as doenças, o controle das massas pelos alimentos envenenados e, com menos horas de sono e mais energia o mundo teria muito mais arte e, espiritualidade não dogmática. Durante a estadia em Israel, Oberom conheceu Reut que era namorada de Yair. Quando surgiu uma oportunidade de conversarem longe de Yair, Reut dirigiu-se a Oberom perguntando se ele queria saber o que ela pensava disso tudo. Oberom afirma ter sentido um peso enorme naquela pergunta, mas respondeu: claro que sim. Reut começou o assunto da seguinte forma:

“Oberom, o que está querendo vender? Não acho que Viver de luz seja desenvolver superpoderes. Você está fazendo o mesmo que o Mc Donald’s ou a Coca-Cola, exatamente como o sistema faz, vendendo a promessa de felicidade através de um produto. Sabemos que não comer não ilumina ninguém, então porque enaltecê-lo?” (Reut apud Oberom, 2016, p.403).

Oberom não se atreveu a respondê-la, não tinha coragem de tentar justificar, pois que tudo que ela dizia era verdade. Mesmo que não fosse sua intenção tratar o tema daquela forma, ele passou a reconhecer que nas palestras o aspecto da possibilidade de viver sem comer era muito enfatizado. Dentro do discurso disseminado nas palestras, o não comer deveria ser apenas uma ferramenta para aumentar a percepção, diminuir a influência de substâncias que pudessem alterar a consciência. E com isso perceber os padrões que geram sofrimento e dessa forma tomar distância. Oberom (2016) acreditava que se a pessoa aceitasse que o ser humano pode viver sem a necessidade de comida, aceitaria que muitas outras possibilidades entendidas como inadmissíveis para a ciência eram capazes de aproximar mais as pessoas do “Deus em nós”. Entretanto, tomou consciência que muitas pessoas se limitam somente ao “detalhe” do não comer. *“O segredo de como parar de comer, da vantagem de economizar dinheiro, de emagrecer e ser mais uma experiência para o currículo espiritual, assim as pessoas iam distorcendo completamente o propósito espiritual do trabalho”*. A família do Portal Parvati decidiu então que a ideia que as pessoas tinham sobre o Viver de Luz, pelo menos do processo realizado na Aham Prema deveria ser transformada.

³⁵ Relato detalhado da narrativa pode ser encontrado em seu livro No fluir da Felicidade.

Assim como Oberom reconheceu que a verdade que Reut lhe mostrou era maior que a dele, e redescobriu o verdadeiro propósito do Dharma de sua família. Atualmente sua maior militância é fazer com que as pessoas enxerguem a verdade maior sobre o veganismo e sua responsabilidade na cura planetária. A família busca diariamente deslocar o foco da alimentação para a espiritualidade e se libertar da prisão do rótulo. A radicalização da ausência total de alimentação apenas durante 21 dias é somente o primeiro “portal” para uma lenta e gradual evolução espiritual. *“O intestino é um segundo cérebro, com mais de 500 milhões de neurônios e se as pessoas continuarem alimentando o seu paladar com dor, sofrimento, tristeza e violência elas pulsarão num padrão vibratório negativo para sempre.”*³⁶ Sendo assim, o trabalho de sua família tem como objetivo o despertar dos seres para viver na frequência do Amor e assim incentivar a cura planetária através da cura de si, em que o não comer é somente uma das ferramentas para a concretização deste propósito.

³⁶ Trecho de diário de campo.

CAPÍTULO II

O “OM” INCESSANTE DAS CIGARRAS: A ORAÇÃO NO PORTAL PARVATI E AS EGRÉGORAS

Este capítulo narra as circunstâncias de minha observação participante na alimentação das egrégoras do Portal Parvati. O local permite a entrada de não participantes do processo de 21 dias apenas no momento da oração, e foi nesse contexto que realizei grande parte de minhas interações de pesquisa. Após a oração, são compartilhados silêncios, olhares, afetos e também alguns relatos. Apresento aqui, portanto, minha entrada no campo, e uma análise das experiências do Portal Parvati a partir dos momentos de oração.

Onde os “hippies” moram?

Para dar início a esta pesquisa entrei em contato com Oberom através do *instagram* e do *facebook*, e depois de diversos empecilhos, consegui marcar um encontro pessoalmente numa praça no município vizinho a Soledade de Minas. Solicitei que levasse seus livros para que eu pudesse comprá-los. Combinamos uma conversa às 14h para que eu pudesse apresentar meu projeto de mestrado³⁷. Ansiosa, cheguei ao local com meia hora de antecedência, e logo recebi uma mensagem de Oberom dizendo que se atrasaria cerca de uma hora e meia, pois alguém havia saído com o carro e ele precisava aguardar o retorno para ir até o local combinado.

O atraso foi um pouco maior do que o previsto totalizando aproximadamente três horas, permaneci aguardando e por volta das 17h Oberom e sua esposa Fabi chegaram na praça. Fabi nos deixou conversando e foi resolver algumas coisas na cidade, não estruturei um roteiro para conduzir a conversa e deixei tudo fluir de forma muito informal. Ele foi extremamente simpático e se mostrou muito aberto à realização de minha pesquisa, autorizando minha ida diária ao Portal Parvati para participar das orações. Após o convite de Oberom, meu pai se ofereceu para me levar pela primeira vez e esperar. Desde a inauguração do Portal Parvati a oração foi, é, e sempre será realizada todos os dias do ano, sem exceções.

³⁷ Comentei à época com Oberom que eu havia realizando um levantamento bibliográfico no portal de periódicos da Capes, no Scielo sobre o tema através da busca por palavras-chave como prana, viver de luz, processo de 21 dias e não havia encontrado nenhuma literatura sobre o assunto. Ele me informou que nunca foi procurado para nenhum projeto acadêmico no Brasil, e disse havia apenas uma tese em construção na Universidade americana de *Yale* sobre o viver de luz. Blair havia morado com eles na Aham Prema durante quatro anos e trabalhado como facilitadora do Processo de 21 dias aplicando questionários quando as pessoas iniciavam o processo e o questionário era repetido ao final dos 21 dias. Oberom me disse que ela ainda enviava o mesmo questionário para estas pessoas após seis meses da realização do processo, a fim de mapear o que e como o processo de 21 dias havia transformado a vida destas pessoas.

No caminho até o Mato Dentro, uma placa no início do trajeto indicava 7 km de distância do asfalto até o bairro localizado na zona rural. Percorremos um caminho muito maior, nos dando conta de que estávamos quase chegando na cidade de Baependi -MG via estrada de terra. Estávamos perdidos! Não encontrávamos o local de jeito nenhum, já havia escurecido, e durante o caminho não havia luz elétrica, estávamos de moto, muita neblina, no meio do mato e fazia muito frio, cerca de 8° indicados pelo meu celular, confesso que tive muita vontade de desistir e voltar para casa. Ao escrever no diário naquele dia, tentei documentar a quantidade de informações que solicitei durante nosso percurso na tentativa de encontrar o lugar. Cruzamos com onze pessoas diferentes pelo caminho. Encontramos pessoas a cavalo, a pé, de bicicleta, de carro, sozinhas e em grupo em meio da escuridão. Comecei tentando me referir ao Portal Parvati, ou à comunidade Aham Prema, e absolutamente ninguém parecia saber do que eu estava falando. Resolvi mudar a forma de argumentação, e perguntar pelo nome de Elcy e Paulinho Sideral, respectivamente a mãe e o pai da família responsável pelo Portal Parvati. Com isso, as informações melhoraram um pouco, mas ainda assim não eram muito precisas.

Em certo momento, meu pai resolveu abrir a viseira de seu capacete e começar a perguntar também, dizendo: *“Onde os hippies moram? É lá que a gente precisa ir!”* E só assim, conseguimos a afirmação que precisávamos. Por fim, um senhor a cavalo com um típico sotaque mineiro nos mandou *“passar 3 cruzos, e dobrar à esquerda”*. Ao passarmos o segundo cruzamento dos três indicados pelo senhor, encontramos um carro branco que se ofereceu para dirigir até a entrada da Comunidade sugerindo que nós o seguíssemos de moto. A motorista nos guiou até a frente de uma placa que dizia “Seja Feliz”: *“Olha é ali na frente, mas se vocês vieram procurar o Paulinho e a Elcy mesmo, eles não estão lá, tão viajando. Mas tem mais gente lá.”*

Após a ajuda da mulher que dirigia o carro branco, avistamos um portão enorme com uma flor de lótus desenhada. Desci da moto e entrei no local, havia uma casa toda de vidro, mas ainda me sentia perdida, pois nada se parecia com a ideia que eu tinha do Portal Parvati. Até que Débora apareceu, um rosto familiar no meio daquele perrengue todo. Débora é mãe de Cairé e Tainá, dois grandes amigos de infância. Mais tarde descobri que ela atuava como facilitadora do processo também. Ela nos tranquilizou e disse que agora estávamos bem próximos, seguindo à diante o local estaria a nossa esquerda. Meu pai foi agradecer a informação e a cumprimentou dizendo que ele era o presidente da sessão eleitoral que ela votava, mas que só a encontrava a cada quatro anos. Ela perguntou ao meu pai se estávamos indo à oração, e ele não soube muito bem o que responder.

Convidei meu pai para participar da oração, mas nesta primeira vez, ele não quis entrar no templo. Ao longo do caminho, meu pai chegou a dizer várias vezes para eu ligar para eles e pedir ajuda e direções para encontrar a comunidade. Não havia como simplesmente telefonar caso estivesse perdida e solicitar ajuda para chegar até o local, pois, o uso de celulares é proibido no Portal Parvati e eu não tinha o telefone de nenhuma outra pessoa da comunidade. Como é indicado no totem, a entrada no Portal só é permitida aos não participantes do Prana Prasakti (Processo de 21 dias) no momento da oração. Qualquer outra informação é dada no sítio localizado na frente, que é onde a família mora. Ao contrário do que muitas pessoas que vão até lá imaginam, a família não mora no Portal Parvati. O Portal é um lugar específico dentro da comunidade destinado apenas ao ritual, onde além das pessoas realizando o Prana Prasakti somente os facilitadores podem circular fora do horário da oração.



Figura 7- Totem indicando a entrada do Portal Parvati . Fotografia por Laryssa Owsiany.

Extremamente preocupada com a pontualidade, visto que já estava atrasada logo na primeira visita comecei a subir uma ladeira e passei por alguns quartos em que as pessoas que realizavam o processo estavam hospedadas, até que os ouvi cantando como mencionado rapidamente acima. Guiada pelo som, encontrei o local onde estavam reunidos. Havia uma placa de papel escrita “entre em silêncio”. Mesmo constrangida pelo atraso, retirei meus sapatos e entrei. Todos se reúnem diariamente às 18h30min para a oração e avaliação diária e quando há uma pessoa no sétimo dia da primeira semana começa às 18h.

É necessário adentrar o templo sem sapatos, as pessoas se sentam em almofadas em círculo com cores diferenciando-os. Os visitantes e facilitadores utilizam o encosto azul, e

peessoas que estão realizando o processo utilizam o encosto verde. O interior é iluminado apenas por velas, no centro do círculo há vasos de flores, alguns cristais e pedras, instrumentos musicais utilizados para meditação como, uma shruti box e um sino pin tibetano. Há muitas janelas de vidro que possuem vista para a exuberante mata fechada do local onde o templo se localiza. Um dos vitrais internos possui o formato de um anjo. No centro do círculo, há também um potinho com vibhuti.

O Vibhuti simboliza o ciclo de vida e morte, no qual tudo, em última instância, reduz-se a cinzas. Pó tu és, e ao pó retornarás. A cinza ou pó é a condição final das coisas. Ela não pode sofrer mais nenhuma mudança. No contexto espiritual, constitui um aviso àquele que o recebe para desistir do desejo, para incinerar todas as paixões, apegos e tentações, e tornar-se puro em pensamento, palavra e ação

(Sai Baba)

O vibhuti é definido como a materialização no plano físico da expressão da Glória de Deus. Os devotos afirmam que a cinza está muito além de toda explicação científica, já que podem comprovar que ela não provém da combustão de elementos materiais, desconhecendo assim sua origem, composição e explicação do fenômeno de obtenção. É distribuído gratuitamente e, geralmente, é passado nos três chakras³⁸ principais, localizados no ponto entre as sobrancelhas, na parte frontal da garganta e no centro do peito, indicando que desejamos ter unidade entre pensamento palavra e ação. Antes do início da oração muitas pessoas passam o vibhuti nos locais mencionados acima para potencializar a cura.



Figura 8- Interior do templo. Fotografia de Samadhi.

³⁸ Os Chakras são centros de energia, que representam os diferentes aspectos da natureza sutil do ser humano. São eles: corpo físico, emocional, mental e energético. Os sete principais Chakras ficam localizados ao longo da coluna vertebral do corpo humano e seguem as cores do arco-íris.

Todo o desejo de não chamar muita atenção no primeiro dia não saiu como planejado, eu tenho asma e a subida até o templo somada ao atraso fizeram com que eu fizesse o trajeto de forma rápida e entrasse no templo com muita falta de ar. O silêncio era absoluto, não conseguia controlar a minha respiração que se encontrava extremamente ofegante. Senti como se todas as pessoas naquele recinto pudessem ouvir o meu coração bater, o barulho que eu sem querer produzia, me parecia ensurdecedor. Pode parecer um clichê, mais o barulho do que chamamos de “estômago roncando” também era muito perceptível no local. O silêncio é tão profundo que o barulho de moscas voando, e de cigarras no local é surpreendente. Considero esta descrição importante, pois logo percebi que o grupo considera o templo como um território geográfico-afetivo, sendo o único local em que eles “fazem o social” visto que o processo é “*para dentro*” e deve ser feito sozinho, em silêncio.

Ao aceitar a realização de minha pesquisa, Oberom perguntou se era suficiente que eu somente ouvisse as pessoas durante o Prana Prasakti, visto que eu não poderia falar com elas em respeito ao processo. Os facilitadores são acessíveis fora desse momento, porém as falas de pessoas que estão realizando o processo são apresentadas neste trabalho no contexto da oração, quando publicamente fazem a avaliação diária perante todos. Machado (2010) no artigo intitulado *Novos movimentos religiosos, Indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações* analisa o contexto dos novos movimentos religiosos como um cenário privilegiado para uma compreensão complexa das tensões da relação entre religião, comunidade e a noção de indivíduo. O ritual realizado no Portal Parvati opera a partir de “*uma lógica não de incompatibilidade entre individualismo e comunalismo, mas de conjugações entre essas duas direções da vida social, não necessariamente incompatíveis ou contraditórias.*” (MACHADO, 2010, p.147) É altamente recomendado para o sucesso do processo a que se evite “*fazer o social*”, sendo indispensável para sua eficácia a permanência em silêncio. Entretanto, tal prática não se mostra incompatível com o sentimento de “comunidade” e empatia durante a oração. A superação diária de cada um é comemorada com carinho por todos.

Meu pai e as orações.

Meu pai é um homem evangélico, diácono e muito ativo nos trabalhos da Igreja Presbiteriana Independente de Soledade de Minas. Na época eu ainda não dirigia, e sem saber muito do que se tratava ele me levou até o local por conta das difíceis condições que se encontram as estradas de terra da cidade. Além disso, não existia nenhum outro modo de transporte que pudesse me levar até lá. Apesar de não querer entrar no templo, ele me esperou

sozinho por um pouco mais de duas horas em um local bem próximo, onde era possível ouvir tudo que era dito na oração.

Magali, uma das facilitadoras saiu do templo para resolver alguma coisa rápida, o viu de longe e foi até ele, colocou a mão em seus ombros e disse: “*O senhor não quis entrar? De qualquer forma seja muito bem-vindo*”. Ao final da oração eu saí e esta foi a primeira coisa que ele me disse. Logo em seguida, perguntou:

Quando é que você volta aqui de novo? Eu quero entrar com você na oração. Eu não fui hoje porque eu tinha certeza que eles iam falar de Deus como se Deus fosse A natureza e eu não ia gostar e ficaria sem jeito de levantar e sair. Mas é Deus, Deus mesmo né? Eles falam de Deus de verdade. Confesso que mesmo tendo ficado do lado de fora, eu não me lembro de outra vez em que senti tanta paz e a presença tão forte de Deus quanto hoje. Até o que eu não entendi era bonito, eles cantam muito bem né? (Rogério, meu pai)

Tanya Luhrmann (2012) em seu delicado trabalho *When God Talks back* descreve como as pessoas aprendem a julgar a presença de Deus e o modo como dimensões sensoriais desta presença fazem com que elas experimentem um Deus real no mundo cotidiano em torno delas. Segundo a autora, o Deus que era entendido como invisível e imaterial é capaz de se fazer ouvir, sentir e tocar literalmente as pessoas. Os relatos etnográficos de sua pesquisa mostram que “*boas orações*” tornam o mundo sensorial interno mais vivo e são capazes de transformar de forma significativa as experiências mentais.

Prayer was understood to enable the person who prayed to develop a relationship with God, and it was important not because it produced results (although it was understood that it did, that God would respond to prayer in direct and concrete ways) but because God wanted a relationship with each human person. [...] Congregants explicitly understood this process of recognizing God in their minds as a skill, which they needed to learn by repeatedly carrying on inner-voice “conversations” with God during prayer and being attentive to the mental events that could count as God’s response. The many prayer manuals presumed that prayer was not an intuitive act but, rather, a skill that needed to be explicitly taught and deliberately learned. As one states: “An essential part of living the with-God life is learning how we can communicate to God. ... But being aware of how God is supporting us and communicating too us is not always easy. We must train ourselves to listen for God and to respond to him. (LUHRMANN et. al. 2012, p.69 / 70)

Nas palavras de meu pai, o Portal Parvati se tornou o lugar onde ele consegue ouvir a voz de Deus. Onde ele presencia milagres diariamente e onde a Presença é mais que constante. Ele passou a frequentar as orações independente da minha presença, tornando-se praticante do exercício da gratidão e mudando cotidianamente seu modo de lidar com a alimentação e principalmente com o silêncio. Sua atual relação com o Portal transcende a minha, ele é jardineiro e trabalha na rodoviária de São Lourenço. Já se ofereceu para cortar grama no Portal Parvati, e não cansa de elogiar o quanto o lugar é especial até em termos de ‘natureza’. Observa sempre que tal flor, “não é tão fácil de pegar na região e aqui é cheio”, “a terra daqui tem algo

diferente”. Por trabalhar na rodoviária concede informações sobre a comunidade para turistas, se oferece para receber encomendas do pessoal da comunidade. E o que ele mais gosta, é a oportunidade de encontrar com frequência os facilitadores e pessoas chegando para a realização do processo de 21 dias ou voltando para suas casas pós ele. Quando não cruza com os facilitadores, ele diz conseguir reconhecer as pessoas que estão voltando de lá e sempre dá um jeito de puxar assunto com elas. Meu pai sempre diz que na maioria das vezes estão carregando uma garrafa grande de suco para seguir viagem.

Orações, sons e silêncios

Na frente de cada um dos assentos é colocado no chão, uma folha com a ordem escrita para facilitar o acompanhamento da oração. Os mantras que são entoados em sânscrito possuem tradução para o português indicada no papel. A família afirma que a proposta da oração é que seja ecumênica e universalista. Dentro do templo, a oração se inicia no soar de um sino pin tibetano, o mantra OM³⁹ é entoado três vezes acompanhado do som de uma shruti box tocada pela Nirvana, e logo em seguida a oração do Pai Nosso é proferida. No decorrer da noite, canções indianas, oração de cura, a grande invocação, mantra da comunidade, *Gayatri*⁴⁰ Mantra, e um apelo a um dos sete raios cósmicos equivalentes aos sete dias da semana são intercaladas com longos períodos de OM e movimentos corporais, principalmente das mãos que produzem sons que podem ser ouvidos na gravação, que trabalharei mais adiante.

Uma professora de yoga me ensinou que “*Embora o ocidente tenha absorvido todo tipo de cântico como “mantra”, esse nome é dado apenas aos versos dos Vedas*”. O que acontece no Portal Parvati em sua maioria, são kirtans, cantos mais simples que costumam ter poucos versos. Como são mais fáceis, são muito mais acessíveis e qualquer pessoa pode absorvê-los rapidamente. Os kirtans trabalham a espiritualidade através do canto devocional coletivo. A oração começa não quando o relógio marca as horas e sim quando o sino é tocado. Paulinho, o pai da família foi quem sugeriu que o aviso do início da oração fosse o soar de um sino, como uma espécie de “*convite aos anjos*” Os horários descritos no totem da porteira de entrada são muito mais para os visitantes do que para as pessoas que estão lá dentro. Os “relógios” que existem no local jamais batem no horário de verão, apesar do lado de fora dizer às 19h30min

³⁹ O Om ou Aum (ॐ) é considerado o mantra mais importante do hinduísmo. Diz-se que ele contém o conhecimento dos Vedas e é considerado o corpo sonoro do Absoluto. OM é, por excelência, o som universal de meditação, aquele que dá progressivamente acesso às mais altas realizações espirituais.

⁴⁰ De acordo com o glossário do livro *Viajando na luz: “Vibração transcendental”, hino de invocação ao sol central.* (OBEROM,2017, p.353)

durante este período, todas as atividades da porteira para dentro funcionam como se o horário não sofresse tal alteração a partir das 18h, ao pôr do sol. Os facilitadores me explicaram que realmente existe um cuidado de não associar o portal à estrutura de tempo que sustenta o cronograma comercial ou sistemático do Brasil. Mas esse não é o principal motivo, a família justifica que no Portal Pavati existem dois tipos de egrégora, temporal e espacial e o cuidado se deve primordialmente à manutenção delas.

A questão da temporalidade dentro do Portal Parvati é muito particular; passado, presente e futuro são os principais ‘medidores de tempo’. Por exemplo, certa vez ouvi um dos facilitadores dizer que a terceira semana do ritual, a que corresponde ao corpo mental, passa em apenas três dias, apesar de pelo calendário gregoriano durar sete. Jasmuheen alega que uma das vantagens do processo de 21 dias é que as pessoas ficam livres não só da necessidade de comer e dormir. Além disso, *“a gente fica livre para utilizar o calendário gregoriano de 1260, ou o calendário maia de 1320, ou entrar no fluxo do tempo divino, onde a gente sempre está no lugar certo e na hora certa”*.

Em busca do desenvolvimento do Eu maior, a família é praticante e estudiosa do vispassana, e por este motivo o intitulado nobre silêncio⁴¹ é essencial. A permanência no silêncio faz com que todas as pessoas se lembrem e sintam a natureza multidimensional presente no interior delas. A quietude tem o poder de fazer com que percebam que não são limitadas ou presas a forma física. O vispassana é um método de iluminação criado por Buddha e trazido para o Ocidente no final do século passado pelo indiano S. Narayan Goenka. O propósito é atingir a equanimidade, sem apego nem aversão as ideias, objetos ou situação, é a neutralidade mental. É um processo de autopurificação pela auto-observação.

Começa-se observando a respiração natural, a fim de trazer foco à mente. Atingindo essa concentração, segue-se observando a natureza mutável do corpo e da mente, observam-se as infinitas sensações no corpo e todo tipo de elemento negativo existente no ser começa a emergir em forma de sensações dolorosas chamadas *sankaras*. Nesse estágio, experimentam-se as verdades universais da erradicação do sofrimento e da ausência do ego. Não só adquirimos consciência de que tudo passa – *Anicha* -, mas também uma vivência efetiva com o momento presente.

Mas o que significa o silêncio em um mundo sem ouvidos, ou a escuridão em um mundo sem olhos? Questões sobre o significado da luz, bem como do som, são certamente mal formuladas se nos forçarmos a escolher entre considerar a luz e o som como um fenômeno físico ou mental. Elas são mal formuladas porque continuam a considerar os órgãos dos sentidos como portais entre um mundo externo e físico e um mundo interno da mente. (INGOLD, 2008, p.16)

⁴¹ A observação do “nobre silêncio”, se refere a composição do silêncio do corpo, da palavra e da mente.

Segundo Ingold (2008), os sentidos existem não como registros distintos, cujas impressões separadas são combinadas apenas em níveis mais altos do processo cognitivo, mas como aspectos do funcionamento do corpo todo em movimento, integrados na própria ação. O autor nos provoca a pensar nos olhos, nos ouvidos ou nas superfícies sensíveis da pele simplesmente como bancos de células receptoras que estão, por sua vez, vinculados a centros de projeção no cérebro. Em vez disso, eles devem ser entendidos como partes integrais de um corpo que está continuamente em movimento, ativamente explorando o ambiente na busca prática de sua vida no mundo.

“Alimentando as egrégoras”

Em definição Egrégora, (do grego *egrêgorein*, "velar, vigiar"), é como se denomina a força espiritual criada a partir da soma de energias coletivas (mentais, emocionais) fruto da congregação de duas ou mais pessoas. O termo pode também ser descrito como sendo um campo de energias extrafísicas criadas no plano astral a partir dos padrões vibracionais emitidos por um grupo de pessoas. De acordo com os facilitadores, para a manutenção das egrégoras no Portal Parvati é necessário alimentar o lugar criando um vórtice pujante, *“ao ponto de uma pessoa que chega pela primeira vez é capaz de sentir uma energia diferente, paz, amor, acolhimento”*. A energia está ancorada para ajudar aqueles que por exemplo nunca meditaram, por esta razão a proibição do uso de qualquer elemento eletrônico é rígida, para não haver interferência nos campos eletromagnéticos do espaço. A alimentação de si não tem por foco o comer durante os 21 dias, mas a partir das orações e dos silêncios, alimenta-se a si através da alimentação da egrégora.



Figura 9- Portal Parvati /2017– Diversas placas como esta são espalhadas por toda a extensão do local.

No universo religioso do Santo Daime estudado por Lucas Rehen (2007) existe a crença no “Eu Superior” que pode ser encontrado em uma camada submersa do “eu” de cada indivíduo. De forma muito semelhante, no Portal Parvati ao atravessar a superficialidade dos pensamentos do ego, o indivíduo se torna capaz de adentrar uma profundidade até então desconhecida de sensações e sentimentos.

É bem interessante o fato de que a revelação do “Eu Verdadeiro” é duplamente descrita como “subida” e como “mergulho” e, então, o movimento ascensional por escadas, montes e serras é também muitas vezes simbolizado nos hinos que narram “saltos” ou a exploração no “fundo do mar”. Ao mesmo tempo em que se sobe ao astral, mergulha-se dentro de si mesmo, como se fossem dois movimentos diametralmente opostos, porém simultâneos e concomitantes, sendo impossível dissociá-los entre si, pois só encontram plenitude quando operam de forma imbricada. (REHEN, 2007 p.202)

O som e o silêncio modulam padrões vibratórios que são capazes de produzir força e energia. Thiago Pinto (2011) em um ensaio sobre questões de uma antropologia sonora afirma que há um mal-entendido comum entre pesquisadores não familiarizados com a documentação musical. Em sua opinião, muitas vezes tais pesquisadores pensam estar analisando som/música, quando na verdade discorrem sobre a letra. Ao longo do texto, Pinto (2011) cita a vibração rítmica de tambores de candomblé como exemplo, evidenciando o impacto direto sobre o corpo e sua alteração de consciência. Segue afirmando que a corporalidade enquanto fonte de energia coletiva dá vida a formas sonoras. Na música percussiva ocorre uma interação da energia própria do músico com a pressão do som coletivo, das vibrações do solo sobre o corpo do músico e o sobre o corpo dos demais presentes. A busca por um “ouvido etnográfico” na modernidade deve ser capaz de captar uma experiência auditiva de “corpo inteiro”, como relata Veit Erlmann (2004).

But the essays in this collection do not simply alert us to the significance of one of the less studied senses or open up uncharted ethnographic terrain. Implied in the title *Hearing Cultures* is the notion that our quest for the ethnographic ear requires more than a metaphorical understanding of ethnography as being in need of more dialogue, more sensitized ears, or a third ear. “Hearing culture” suggests that it is possible to conceptualize new ways of knowing a culture and of gaining a deepened understanding of how the members of a society know each other. (ERLMANN, 2004, p.3)

But What of the Ethnographic Ear? Para Erlmann (2004), esta pergunta serve como um alerta para uma maior inclusão da experiência sensorial não visual na escrita etnográfica. Os ensaios da coletânea *Hearing Cultures* organizada pelo autor alegam que uma maior atenção aos sentidos nos força a repensar uma ampla gama de considerações teóricas e metodológicas capazes de produzir dados etnográficos mais ricos.

O som que circula: os CDs das orações

Inspirada pelas reflexões de Hirschkind (2006) em suas *Ethical Soundscapes* e nas disposições dos afetos sensoriais através da escuta cotidiana desses sermões me proponho a pensar um objeto específico que está à venda na lojinha do Portal Parvati. Um CD com a oração é vendido lá por um valor simbólico de dez reais. As inúmeras pessoas que deixam o ritual, tendem a levar o CD consigo e fazem o possível para todos os dias no mesmo horário em que as pessoas estão reunidas no templo (ancorando a energia na egrégora do espaço), ouvirem o CD. Diversos interlocutores que passaram pelo ritual me disseram que mesmo que haja algum compromisso que impeça de ouvir o CD, a energia é concentrada e emanada mesmo que mentalmente para o Portal. O horário da reunião espacial no Portal Parvati coincide com o fim de expediente, horário de rush e um momento de estímulos nem sempre considerados muitos agradáveis.

Hirschkind (2006) argumenta que as fitas de sermões servem como um instrumento de auto-aperfeiçoamento ético e como um veículo para aprimorar as sensibilidades e os afetos da vida piedosa se tornando um aspecto essencial do que hoje é chamado de avivamento Islâmico. O sermão cassete tornou-se onipresente na maioria das cidades do Oriente Médio, pontuando as rotinas diárias de muitos homens e mulheres. *A paisagem sonora ética* incorpora meios de comunicação modernos às práticas religiosas, partindo de uma análise que conecta práticas modernas de auto-modelagem moral à criação de públicos religiosos cada vez mais poderosos. De forma semelhante, os CDs são descritos pelos ouvintes como formas de reconexão individual com o propósito da elevação espiritual que se iniciou no Prana Prasakti. Os CDs se tornam mídias que fazem o religioso circular para além dos tradicionais espaços de culto produzindo outras experiências de tempo e espaço.

Reuni relatos de moradores de grandes cidades que passaram pelo Prana Prasakti e aproveitavam o trânsito para ouvir o CD; outros que transformaram o formato do CD para mp3 no celular e ouviam em seus fones de ouvido durante o trajeto nos ônibus, trens e metrô que os levavam de volta ao lar. Alguns até relataram que a sensação claustrofóbica dos transportes públicos era apaziguada pelo som da oração. A partir destes relatos, é possível concluir que a egrégora temporal é potencializada numa frequência energética imensurável. Os próprios facilitadores me disseram que não imaginavam que o CD havia se tornado um objeto tão singular para a reconexão das pessoas. Quando mencionaram a egrégora temporal, estavam se referindo à tentativa da família se manter unida em pensamento, independentemente de onde eles estivessem. O momento da oração é parte fundamental na execução do dharma familiar, e

uma vez que os filhos não possuem celulares e viajam pelo mundo durante longos períodos e com muita frequência este era um modo pelo qual eles se conectavam diariamente.

Ingold (2008) alega que se ao menos pudéssemos restaurar o equilíbrio devolvendo a audição ao seu devido lugar no sensorium, poderíamos recuperar uma atenção mais harmoniosa, benevolente e empática com o nosso entorno. *“Então, quem sabe, poderíamos redescobrir o que significa pertencer.”* A voz e a audição estabelecem a possibilidade de uma intersubjetividade genuína; de uma comunhão participativa do eu com o outro por meio da imersão no fluxo de som. Para o autor, a visão, nessa concepção, define a individualidade do eu em oposição aos outros; e a audição define o eu socialmente em relação aos outros. *“Em resumo, quando se trata de assuntos da alma, da emoção e da sensação, ou das questões ‘introspectivas’ da vida, a audição supera a visão, assim como o entendimento ultrapassa o conhecimento e a fé transcende a razão.”* (INGOLD, 2008, p.4). Regularmente as pessoas quando vão fazer suas avaliações diárias, perguntam se ao invés de falar, elas podem cantar. A maioria das pessoas pede desculpas pela voz, afirmam que não são cantoras, mas asseguram que a melodia é a única forma possível de expressar o que estão sentindo. Algumas vezes, presenciei pontos de umbanda serem cantados, seguidos de comentários acerca da falta que fazia um tambor para expressar tais sentimentos.

A gravação no CD é muito fiel a toda a experiência sensorial. Uma das minhas interlocutoras de São Paulo, disse que a experiência de ouvir a gravação de olhos fechados com fones de ouvido faz com que as lembranças sejam revividas de modo intenso, ela diz conseguir sentir até o cheiro dos incensos do templo. A fim de que a experiência seja realmente completa, o registro é feito pelas vozes da família e respeita as pausas de ação, como por exemplo na oração de cura em que você deve mentalizar pessoas no centro da roda. Os movimentos corporais, como o esfregar das palmas das mãos produz sons audíveis na gravação, as respirações e o ‘silêncio cheio de barulho’ do local são percebidos na experiência sonora do CD. Na maioria das despedidas do ritual, Elcy tende a agradecer as pessoas que passaram por ali e deixaram um pouco de si através do silêncio, alimentando assim o vórtex das egrégoras. As pessoas retribuem agradecendo aos barulhos contidos neste silêncio, o som dos pássaros e o assovio do vento. Um argentino agradeceu pela sensação de paz que invadia seus ouvidos através do OM incessante das cigarras, que não por acaso acabou se tornando o título deste capítulo.

Na faixa 25 do CD é possível ouvir de modo mais claro o “OM incessante das cigarras” interferindo no que seria o perfeito silêncio do templo, até que o soar do sino pin tibetano dite o fim a oração do dia. Ouvidos mais atentos são capazes de perceber o som das cigarras ao

fundo de toda a gravação, até mesmo quando os mantras estão sendo entoados. No artigo *Pare, olhe escute*, Tim Ingold (2008) afirma que os ouvidos são imaginados de modo topográfico, como aberturas na cabeça que realmente permitem penetrar e tocar as superfícies mais reclusas do ser. Na experiência imediata do som, arrasta o mundo para dentro do perceptor, produzindo um tipo de conhecimento que é intuitivo, engajado, sintético e holístico. Para o antropólogo, a força interiorizante da palavra oral se relaciona de maneira especial ao sagrado, às questões últimas da existência.

A cultura oral tem um caráter agregativo; é harmônica e holística em vez de dissecadora, analítica e atomística; é concreta e situacionalmente específica, em vez de abstrata e independente do contexto; é focada em pessoas, em vez de em coisas. A audição liga as pessoas em comunidade; a visão isola o indivíduo vis-à-vis o mundo. (INGOLD, 2008, p.7)

Pessoas surdas e cegas não sentem que suas experiências do mundo são menos completas, ou possuem menos integridade. Ingold (2008) defende que a experiência da pessoa cega ou surda não é nenhum segmento particular, ou 'fatia', de uma experiência total da visualidade e da auralidade sem defeitos, e sim uma totalidade diferente. Isso leva o autor a uma conclusão que ele considera de suprema importância. *“Se a audição é um modo de engajamento participativo com o ambiente, não é porque se opõe, nesse aspecto, à visão, mas porque “ouvimos” tanto com os olhos quanto com os ouvidos”*. Muita importância tem sido dada ao fenômeno da sinestesia, a aparente capacidade de certos perceptores registrarem uma experiência em uma modalidade sensorial com base em sensações vindas de outra. Um sinestésico pode, por exemplo, afirmar ver certas formas ou cores ao ouvir uma melodia musical, ou ouvir sons particulares ao ver um movimento silencioso (INGOLD, 2008).

O silêncio no Portal Parvati não está intimamente relacionado à privação da fala, e sim a captação de uma nova forma de audição. É preciso calar a mente e as expressões do ego, e em simultâneo ouvir o seu Eu interior. A experiência espiritual da Presença se dá na maioria das vezes pelo som, e não pela palavra. Entretanto, não se trata de ouvir o som ao redor, e sim descobrir como ouvir o som que pulsa dentro de si mesmo.

CAPÍTULO III

APOSTANDO CORRIDA COM FORMIGAS: PÉS DESCALÇOS PARA UMA VIDA PRÂNICA

O chão atravessou minha dissertação de forma imprevisível. Um sábado qualquer, no primeiro semestre de 2017, já tendo iniciado minha pesquisa junto à Comunidade Aham Prema. Eu estava caminhando pelo Horto Florestal de Seropédica, cidade onde se localiza o campus de minha universidade. Quando avistei fixado em uma árvore uma pequena placa de madeira, já deteriorada pelo tempo com o seguinte versículo bíblico, localizado no livro de Exôdo, capítulo 3, versículo 5: “*Tire as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que estás é terra santa*”. Tal episódio forneceu o insight de que o assunto tão recorrente nas orações do Portal Parvarti, sobre importância das caminhadas feitas com pés descalços iam muito além do que eu imaginava. O chão já era mencionado em minha dissertação desde a qualificação, antes mesmo de pensar em estabelecer qualquer diálogo com uma antropologia sensorial em minha escrita... o que notoriamente transformou o caminho aqui percorrido.

(Trecho de Diário de Campo)

A temporalidade mais importante para as pessoas que realizam a transição ritual, não é o passar das horas e nem mesmo a contagem dos 21 dias. O esforço da *Presença* é o maior desafio do *Prana Prasakti*. Após a travessia do deserto interno e a parte ritual que corresponde ao corpo físico, caminhadas são incluídas na rotina dos que estão realizando o Processo de 21 dias. O ato de andar em contato com o chão constitui parte fundamental para o ganho de força possuindo um aspecto central na transição do corpo físico para o corpo emocional. A distância percorrida e o tipo de caminhada plana ou íngreme são combinados a um tipo de respiração específica que varia de acordo com o dia no qual a pessoa está no processo. As distâncias são dadas pelos facilitadores, no dia anterior durante a avaliação diária realizada após a oração. “*Você vai caminhar até a porteira com uma flor de lótus desenhada, ou até a placa onde está escrito seja feliz*”. Não é recomendado que você burle estas regras. Os facilitadores alertam que o ego tende a achar que você tem muita energia, e ficará criando ciladas para você se auto desafiar e tentar ir cada vez mais longe nas caminhadas.

Uma moça de São Paulo que estava no 7º dia da 3ª semana, ou seja, em seu último dia no percurso do ritual - relatou que ao sair para caminhar naquele dia, havia caído. Afirmou que quando se deu conta e recuperou a consciência estava com o rosto no chão, o nariz sangrando levemente e a boca cheia de areia. Recordava-se apenas de ter sentido uma pequena tontura.

Ela narrou, que não havia lido o livro *Viver de luz* antes de ingressar na jornada do Prana Prasakti, como nesta época ainda era altamente recomendado. Realizou a leitura do livro nos dois primeiros dias de seu processo, constatando que era a coisa mais fascinante que ela já havia se deparado e que ela com certeza era capaz de se tornar uma iogue imortal. Afirmou ter passado pelo processo sem grandes dificuldades, e perguntou ao Samadhi (facilitador que estava conduzindo a oração) como ele explicaria o fato dela ter caído justamente no último dia? Ele lhe respondeu que o desejo de ser um iogue, um imortal que levita, é apenas uma ambição de poder do ego. A explicação para o tombo, era a de que o universo poderia estar puxando o seu tapete, trazendo-a para o chão para lembrar-lhe que ela era humana. O desejo por ‘superpoderes’ é apenas uma distração em face do verdadeiro objetivo do ritual.

Existem elaboradas explicações nativas acerca do motivo pelo qual andar descalço é altamente recomendado. Samadhi, certa vez justificou-se afirmando que havia um propósito em sempre questionar os participantes se as caminhadas estavam sendo realizadas com os pés no chão. Segundo os facilitadores, a justificativa é a sabedoria da natureza e o modo como ela opera como um forte instrumento de Presença. Se você não mantém sua mente presente você pode pisar numa pedra, por exemplo, ou experimentar qualquer outro tipo de incômodo sensorial. Se isto vier a acontecer, o fato de você encostar em alguma superfície com diferença de temperatura, sentir dor, ou qualquer sensação propiciada pelo tato, automaticamente a natureza se encarregará de trazer sua concentração de volta. Você ficará atento somente ao ato de caminhar sem que sua mente entre em divagação.

As pessoas no curso de suas vidas cotidianas, fazem o seu caminho a pé por um terreno familiar, assim os seus caminhos, texturas e contornos variáveis através das estações do ano, são incorporados através de suas próprias capacidades corporificadas de movimento, consciência e resposta (...) Através do andar, em suma, as paisagens são tecidas em vida, e vidas são tecidas na paisagem, em um processo contínuo e interminável. (INGOLD, 2015 p.90)

O caminho e o caminhar

Carlos Steil e Rodrigo Toniol (2011) ao refletirem sobre os ecocaminhantes chamam a atenção para o caráter terapêutico de caminhadas realizadas em meio a natureza. Os trajetos são compreendidos não apenas como exercícios físicos, mas também como uma via de acesso às questões relativas à alma. Segundo os autores, caminhar na natureza, ainda que não apresente motivações religiosas explícitas, proporciona experiências de encontro com o sagrado. O espaço ocupado por Deus, deixa de ser situado em um plano fora do mundo e passa, aos poucos,

a habitar “no mundo”, tornando- se acessível por meio de experiências particulares de caráter místico e energético, fruto, especialmente, de um maior contato com a natureza.

A modernidade secular, governada em sua base pela razão científica e técnica, ao mesmo tempo em que imprimiu uma marca a-religiosa no funcionamento da sociedade, também permitiu a emergência de uma verdadeira nuvem de novas crenças que encontram, nos corpos que se conectam com a natureza por meio de caminhadas, um de seus pontos de ancoragem. (STEIL; TONIOL, 2011, p. 30)

Uma mulher que atravessava a segunda semana do processo, durante uma de suas avaliações diárias foi interpelada por uma facilitadora acerca de como ela havia passado aquele dia; questionando se havia realizado caminhadas, se estava conseguindo se manter presente. Ao respondê-la, afirmou que tudo estava lindo, mas se manter presente era uma das tarefas mais difíceis ao longo do dia, exceto quando ela caminhava. Relatou que conseguia se manter muito mais presente durante a caminhada, do que em qualquer outra parte do dia, pois havia desenvolvido uma técnica infalível para esta conquista. Ela nos contou seu segredo: ela apostava corrida com as formigas.

No pequeno e inspirador artigo de Lanna Peixoto (2016) intitulado “Descalço eu não erro o caminho - A cidade delineada pelos sentidos”, a autora mostra como a percepção de paisagens está imersa em um processo cognitivo vinculado a uma perspectiva estética, uma vez que toda a paisagem implica a presença de uma dimensão sensível e emocional por parte do ser humano. Ao etnografar a vida de “Seu Damasceno” - um senhor cego de mais de 60 anos - que foi reconhecido pelo Governo Federal como um mestre de cultura popular, a antropóloga traça o modo como o território da cidade é delineado por “lugares emocionalmente vividos”. Para seu Damasceno, sua cidadezinha é definida pelo chão, pela rugosidade dos seus asfaltos e por terrenos acidentados que ele nunca tropeça, e nem se perde, pois anda por aí descalço... inscreve-se no lugar como o lugar se inscreve nele.

No livro “Nos rastros da natureza” Carlos Steil e Rodrigo Toniol (2016) mencionam uma das obras inaugurais da *Landscape Art* Contemporânea. Richard Long foi até um campo no interior da Inglaterra para esculpir com suas próprias pegadas e no ritmo de seus passos, um único traço, que cortava a paisagem. A obra intitulada *a line made by walking* foi realizada num gramado com linhas, espessuras e cores já dispostas antes de sua presença.

Tampouco esculpiu com as mãos, mas com os pés. A passagem de tempo em seu trabalho é ambígua, o ciclo de vida do gramado, apagou naquela mesma estação, as marcas visíveis do traçado feito por sua caminhada. Contudo, a fotografia, em preto e branco transformou aquele registro – na paisagem e na imagem - em um presente estendido, cujo crescimento das gramíneas não foi capaz de desfazer. (TONIOL; STEIL, 2016, p. 43/44)

O poderoso exemplo acionado por Carlos Steil e Rodrigo Toniol (2016) nos sugere que ao caminhar pelo gramado, [ou pela terra, neste caso] Richard Long estabeleceu relações e construiu junto ao ciclo da natureza, uma temporalidade própria evidenciando que “*a paisagem não é alheia às ações nela tecidas, mas constitutiva e construída das/pelas dinâmicas sociais e temporais daqueles – humanos e não humanos- que a habitam*” (TONIOL; STEIL, 2016, p.44). Ainda que a paisagem retorne ao estado que era quando o artista realizou sua obra, ela nunca mais será a mesma; neste jogo relacional, são tanto modificadoras das práticas nelas produzidas como também modificadas por elas.

Para Ingold (2015), a falta de chão na sociedade moderna constituiu uma separação imaginada entre atividades de uma mente em repouso e um corpo em trânsito; entre cognição e locomoção, e entre o espaço da vida social e cultural. Este autor acredita que a locomoção, e não a cognição, é o ponto de partida para o estudo da atividade perceptiva. “*Os calçados privam as pessoas de pensarem com os pés*” e de estarem mais fundamentalmente em contato com o entorno. É como se para os habitantes da metrópole, “*o mundo de seus pensamentos, seus sonhos, suas relações com os outros flutuasse como uma miragem acima da estrada em que pisam em sua vida material real*”. (INGOLD, 2015, p.78).

Paradoxalmente, parece que com a marcha adiante da civilização, o pé tem sido progressivamente retirado da esfera de atuação do intelecto, que tem regredido ao status de aparato meramente mecânico, e, além disso, que esse desenvolvimento é uma consequência – não a causa- do avanço técnico em calçados. Botas e sapatos, produtos cada vez mais versáteis à mão humana, aprisionam o pé, restringindo a sua liberdade de movimento e embotando seu sentido tátil. (INGOLD, 2015, p.74)

A paisagem é um fenômeno complexo que abarca ao mesmo tempo o visível e o invisível e “*incorpora tanto o solo profundo que suporta nossos corpos quanto a atmosfera fluida na qual respiramos.*” (CARVALHO; STEIL, 2008). A terra (sagrada) circunscreve toda a paisagem que compõe o Portal Parvati. Ela está presente no chão, assim como nas bioconstruções na técnica de Hiperadobe do local. As paredes da área terapêutica por exemplo, não são de tijolos, “*dentro é só terra! Colocamos na bobina e socamos*” (Samadhi- facilitador do Portal Parvati). Os caminhos são compostos por gramados, algumas pedras e terra vermelha. A floresta que rodeia o local, faz com que o ar tenha cheiro de flor, de ervas, de árvores. A água jorra ininterruptamente do subsolo.

Labirintos: o andar circular e o caminho até o centro de si

Um outro aspecto central no ritual do Prana Prasakti me traz de volta ao chão. Muito além da geometria sagrada, o simbolismo espiritual de um labirinto é muito influente neste Processo. Não são enigmas, caminhos com inúmeras entradas e becos sem saída – o labirinto

de meditação consiste em um único caminho da entrada até o centro. Para os simpatizantes da espiritualidade New Age, representa a viagem para o nosso próprio centro. Os labirintos utilizados para fins de meditação são inspirados no labirinto de Chartres que contém aproximadamente 13m de diâmetro e 262m de extensão.

Datado do século XII, esculpido no piso da Catedral de Notre-Dame de Chartres na França, o labirinto é comumente tratado como uma mandala espiritual. Quando as cruzadas⁴² do século XIII impossibilitaram as peregrinações à Jerusalém, o labirinto de Chartres⁴³ passou a receber cristãos do mundo inteiro que não podiam ir até a terra santa. Como simbolismo da peregrinação à Jerusalém, muitos fiéis percorriam o labirinto de joelhos. O monge beneditino John Main⁴⁴ (1926-1982), responsável pela disseminação da meditação cristã afirmava que meditar é um método de oração e de peregrinação.

Como uma metáfora poderosa de um caminho que te leva a Deus, o labirinto faz com que muitas vezes a pessoa que o está percorrendo acredite que está quase chegando ao fim. E no momento seguinte o labirinto faz uma curva que o leva para a parte mais afastada dele. A caminhada continua até que, quando menos se espera, chega ao centro. O trajeto do labirinto de Chartres dura aproximadamente 1 hora. De acordo com “terapeutas do labirinto”, o andar circular constante leva a pessoa a perder suas referências de espaço e tempo, entrando, no que se acredita ser um estado de meditação, aquietando sua mente e encontrando paz.

O Portal Parvati possui um labirinto contemporâneo de três círculos interconectados formando um caminho único e contínuo. Representando, do menor para o maior, respectivamente o corpo físico, o corpo emocional e o corpo espiritual, que correspondem às três semanas do processo ritual descrito no capítulo 1.

A partir do modelo original, o labirinto de Chartres passou a ser reproduzido literalmente em outras igrejas, hospitais, universidades, parques e até prisões ao redor do mundo. A organização Veriditas⁴⁵ organizou um banco mundial de dados, onde através de um

⁴² Movimento religioso-militar, surgido na Europa Ocidental, que tinha por objetivo reconquistar, a Terra Santa (Jerusalém, Belém, Nazaré, etc.) das mãos muçulmanas.

⁴³ Apesar da catedral ser diariamente aberta ao público. O labirinto fica só pode ser visto por completo todas as sextas, da primeira sexta-feira da Quaresma até a última sexta-feira em outubro. Na maior parte do tempo, as cadeiras da catedral escondem parte do labirinto.

⁴⁴ Ver Comunidade Mundial para a meditação cristã. Biografia John Main <http://www.wccm.com.br/john-main-osb>

⁴⁵ Veriditas é uma empresa sem fins lucrativos da Califórnia que se dedica a inspirar a mudança pessoal e planetária e a renovação através da experiência do labirinto. Afirmam em seu site oficial que a sua missão treinando e apoiando facilitadores de labirintos em todo o mundo e oferecendo eventos significativos que promovem uma maior compreensão do labirinto como uma ferramenta para a transformação pessoal e comunitária. O objetivo é que a experiência do labirinto seja um guia no desenvolvimento do nível mais elevado de consciência humana que precisamos para prosperar no século XXI.

localizador uma lista com endereços de labirintos públicos baseados no de Chartres é gerada. Também aparecem alguns labirintos privados, nos quais os proprietários permitem que as pessoas visitem se ligarem para agendar com antecedência. É possível procurar por cidade, estado, país ou definir por exemplo, um raio “dentro de x km”. O labirinto do Portal Parvati é um dos cadastrados no Brasil. O jornalista responsável pela fotografia abaixo mantém um blog em holandês chamado <https://renvogel.com/>, em que se dedica a escrever sobre tópicos espirituais. Em seu conteúdo, é possível encontrar tanto aventuras pessoais quanto entrevistas com o que ele chama de “spiritual teachers” ao redor do mundo. Frans Vermeulen esteve no Brasil em 2017 e realizou o seu processo junto ao Portal Parvati. Como já mencionei outras vezes, quase não há informações, muito menos fotografias do local. Encontrei o blog de Frans por acaso, quando recentemente ao pesquisar Portal Parvati sua fotografia do labirinto foi o primeiro resultado gerado pelo Google. Ao clicar nela somos direcionados ao seu relato dos 21 dias que foi postado no blog. Evidentemente eu não compreendo a língua, mas com o auxílio de alguns tradutores pude ler o seu relato. Ele narra uma história interessantíssima a respeito dos labirintos⁴⁶, a qual eu resumirei abaixo.

Frans Vermeulen afirma que todos os dias percorria os três círculos do labirinto no Portal. E descreve uma conversa sua com Elcy em que ela lhe conta que "Uma das pessoas que estava fazendo o processo acordou à noite com uma luz brilhante". E afirmou que era um OVNI que havia pousado com dois alienígenas, cientistas. E eles lhe disseram: "*Este Portal é na verdade um hospital etéreo e é por isso que limpamos o labirinto todas as noites. Dentro de sessenta anos, os hospitais regulares também terão seus próprios labirintos*". Ao retornar para casa, contou a história para seu amigo Henk Janssen, um especialista em limpeza energética, que lhe confirmou “os valores poderosos sem precedentes do labirinto”. Ao lhe perguntar sobre o labirinto do Portal Parvati, o pêndulo de ouro⁴⁷ de Henk Janssen chegou a girar.

⁴⁶ A seguir apresento na íntegra o relato como é descrito em seu blog: “Elke dag liep ik het labyrint in het Portal, bestaande uit drie cirkels: een voor de transformatie van het fysieke, een voor het emotionele en een voor het spirituele aspect. Elcy vertelde: ‘Een van de deelnemers werd ‘s nachts wakker door een fel licht.’ Wat bleek? Er was een ufo geland met twee aliens, wetenschappers. Zij vertelden hem: ‘Dit Portal is feitelijk een etherisch hospitaal en daarom maken wij elke nacht het labyrint schoon. Binnen zestig jaar hebben jullie reguliere ziekenhuizen elk hun eigen labyrint.’ Bij thuiskomst bevestigde vriend en specialist in energetische reinigen, Henk Janssen, de ongekende krachtige energetische waarden van het labyrint. Zijn gouden pendel sloeg bijkans op hol.” Disponível em: < <https://renvogel.com/2017/06/06/gevoed-door-de-liefde-van-god/> > . Acesso em: Jan /2018.

⁴⁷ Pêndulos de ouro são instrumentos radiestésicos pessoais. Radiestesia é uma ciência que detecta e mede energias sutis que se movimenta pelas forças magnéticas da mente. Existem radiações particulares, e certas pessoas tem maior sensibilidade para recebê-las, no caso o amigo de Frans Vermeulen mencionado é uma dessas pessoas. Além disso, placas com o gráfico do labirinto de Chartres estão entre os símbolos mais usados por praticantes de radiestesia.



Figura 10 – Fotografia do jornalista Frans Vermeulen.

Carlos Steil e Rodrigo Toniol (2016) relatam que os rituais de circulação em torno de objetos (altares, meteoros) ou lugares sagrados (tumbas, grutas, montanhas) têm uma longa tradição na história do ocidente cristão, muitas vezes sobrepondo-se ou mesmo superando o culto às imagens ou pessoas. O solo que sustenta práticas de cultivo de si aponta para um deslocamento da transcendência para a imanência (CAMPBELL, 1997 apud CARVALHO, STEIL, 2008).

Sujeitos que buscam o sagrado e a si mesmos em lugares, espaços rituais e peregrinações onde a natureza tem um papel protagonista são capazes de nos fazer refletir sobre a transformação do próprio conceito de religião na contemporaneidade. “Assim, o Deus das religiões da transcendência, colocado fora do mundo, vai pouco a pouco dando lugar a um Deus no mundo, que aparece sob a forma de energias e vivências de tipo psíquico-místico, caracterizando o que tem sido denominado como religiões do self” (CARVALHO; STEIL, 2008, p. 290). As religiões do self produzem um deslocamento das mediações institucionais clássicas do campo religioso – igrejas, doutrinas e dogmas – para a experiência vivida pelo indivíduo como a instância última capaz de atestar a autenticidade do sagrado.

Pés, mãos, tato e o corpo secular

Todas as pessoas que participam da oração coletiva, ao final tendem a apagar uma das velas acesas no templo. Se não houver velas suficientes para todos os presentes, um dos facilitadores reacende uma para que você possa apagar. Na primeira vez em que fui em uma oração, Débora - uma das facilitadoras perguntou se eu queria apagá-la e tive a reação

automática de assoprá-la, mas antes que pudesse esboçar o movimento ela disse: “*com os dedos, jamais em sopra*”. Débora me disse para direcionar meus dedos para a parte azul da chama, e apertá-la rapidamente, bem próximo ao início do pavio. E não, não há o auxílio da saliva. Confesso que até os dias de hoje, nunca consigo apagar de primeira uma vela, às vezes coleciono mini bolhas nos dedos e meu movimento de pinça, fica sensibilizado por cerca de uma semana. Sem que eu me desse conta, as mais diversas ações que envolviam o meu tato me traziam à memória automaticamente situações vividas no Portal Parvati nos últimos dias.

Assim como os pés guiam as pessoas rumo ao seu eu interior na meditação do labirinto, a mandalaterapia é um caminho para o centro de si guiado pelas mãos. A Mandala é trabalhada na psicologia junguiana como uma representação da totalidade psíquica e do arquétipo *self*. O centro da mandala é um ponto de poder e tudo que o circunda é um campo de desenvolvimento. O espaço interior da mandala pode ser compreendido como o espaço sagrado e o exterior como o espaço profano. A linha que circunda uma mandala é a linha que separa o divino do mundano, o espírito da matéria. Tanto o labirinto, quanto a pintura de mandalas são técnicas meditativas utilizadas diariamente como auxílio no ritual do Prana Prasakti. De acordo com o propósito do ritual, as pessoas devem iniciar a coloração de fora para dentro para favorecer a introspecção e a compreensão de si mesmo. Em outras circunstâncias, a mandala também pode ser colorida a partir do centro para favorecer a abertura de si aos outros para resolução de problemas.

Durante o ritual, as mãos passam a ser um indicador corporal importante. O índice de desidratação de um corpo é sempre percebido pelas mãos. Durante a semana do corpo físico as pessoas relatam suas angústias observando que ao beliscar a pele das mãos, ela não volta rapidamente. Que apesar de tudo estar muito bem, a “secura” das mãos e dos lábios são os maiores incômodos. Na segunda semana, quando as pessoas voltam a ingerir líquidos, de forma recorrente mencionam nas avaliações diárias como é incrível se perceber ‘voltando’ pelas mãos. Ilustrados pelos seguintes trechos de diário de campo coletados com cerca de 1 ano de intervalo um do outro: “*É tão emocionante observar os ossinhos dos dedos, e poder beliscar as mãos novamente*”; “*Minha mão tá carnudinha de novo, é legal ver a água ir inundando e preenchendo tudo de novo*”.

Ingold (2015) defende que devemos restaurar o lugar adequado do tato no equilíbrio dos sentidos. Diferentemente dos outros quatro sentidos, ele não é encontrado em uma região específica, e sim por todo o corpo, em todas as regiões da pele. A pele é o maior órgão do corpo humano, é repleta de terminações nervosas capazes de captar estímulos térmicos, mecânicos ou dolorosos. O tato é o primeiro sentido a se desenvolver no ser humano, e além disso atua como

um guardião do sono. Durante o sono, a capacidade dos sentidos é reduzida, entretanto o tato é o que permanece mais ativo dentre eles.

A noção de carne discutida por Merleau-Ponty (2007) em *O visível e invisível* destaca a continuidade entre o corpo do mundo e o corpo humano. O corpo fenomenológico expandido na percepção é também um corpo-ponte, que torna possível o engajamento dos sujeitos no mundo, ao mesmo tempo em que remete à alteridade radical da subjetividade humana. Esta comunhão entre o corpo humano e o corpo do mundo engloba e transcende o do indivíduo se apresentando como o elo comum entre o humano senciente e o mundo sensível. Na opinião de Isabel Carvalho e Carlos Steil (2008) Merleau-Ponty radicaliza a noção de corpo, no sentido de uma transcendência do sujeito no mundo do qual o corpo humano é apenas uma expressão. Ao invés da posição cartesiana de um sujeito que pensa e, portanto, existe, ou, ainda, que pensa o mundo com uma mente à parte do mundo; na perspectiva fenomenológica, o mundo pensa no sujeito que existe na relação de continuidade e distinção como uma das expressões da carne do mundo, cuja diferença está na forma de exercer a reflexividade.

Desde *A Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1999) preocupa-se em se afastar de uma visão cognitivista dos processos perceptivos e afirmar uma compreensão articuladora do estar no mundo enquanto um habitar, mediado pela corporeidade. O corpo é colocado pelo autor, não como uma coleção de órgãos adjacentes, mas um sistema sinérgico, cujas funções todas são exercidas e conectadas na ação geral de ser no mundo. Uma coisa enquanto “entidade intersensorial” reside na sinergia corporal dos sentidos em sua convergência rumo a um objetivo comum. Assim, o olhar, o tato e todos os outros sentidos são juntos, poderes de um mesmo corpo, integrado em uma mesma ação.

Os questionamentos que Hirschkind (2017) se coloca sobre a existência de um corpo secular, na experiência do Prana Prasakti ganham novos contornos. O propósito de tal estilo de vida não visa transformar os corpos em “religiosos” ou “sagrados”, o corpo no mundo de alguém que passou pelos 21 dias é “corpo sustentável” e uma ferramenta importante na cura planetária. Durante o ritual, absolutamente tudo é corporificado. O corpo físico, o corpo emocional, o corpo espiritual e o corpo mental não são os únicos acionados. Uma das orações trabalhadas no capítulo 2 suplica a manifestação do poder de cura em três dimensões corporais: “em meu corpo”, “no corpo destas pessoas” e no “corpo do planeta terra”⁴⁸. O autor se questiona sobre a existência de uma configuração particular do sensório humano – de sensibilidades,

⁴⁸ Disponível na faixa 20 do link dos arquivos sonoros na referência bibliográfica ou no CD que acompanha a versão impressa desta dissertação.

afetos, disposições encorporadas⁴⁹ – específica aos sujeitos seculares e, portanto, constitutiva do que entendemos por sociedade secular. Por ora, é importante explicitar que a noção de secular empregada pelo autor não se apoia em uma oposição ao “religioso”; Hirschkind entende o secular como um conceito que articula uma constelação de orientações afetivas que constituem uma importante dimensão do que é categorizado como modernidade e das formas de conhecimento e prática que a definem – sejam elas religiosas ou não-religiosas. (Hirschkind, 2017, p.175)

O corpo não é apenas biológico, mas igualmente religioso, linguístico, histórico, cognitivo, emocional e artístico [e eu acrescentaria, ecológico]. Por outro lado, se a linguagem pode ser apresentada aqui para diante como uma expressão da corporeidade (embodiment) e não como função representativa do Cogito Cartesiano, torna-se claro que já não se trata de definir cultura apenas em termos de símbolos, esquemas, regras, costumes, textos ou comunicação, mas igualmente em termos de sentido, movimento, inter-subjetividade, especialidade, hábito, desejo, evocação e intuição. A convergência destas duas realizações leva-me à conceitualização do self baseado na corporeidade (embodiment). O argumento é que, pelo colapso da distinção entre corpo e mente, sujeito e objeto, a linguagem se torna compreensível tal como um processo do self quando ela é vista não como uma representação, mas como instituição de um modo de ser no mundo (CSORDAS, 2002, p.4 apud CARVALHO; STEIL, 2008, p.295).

Sabe-se muito sobre as técnicas desenvolvidas por diferentes tradições religiosas para cultivar um sensório devoto, isto é, as aptidões encorporadas e afetos necessários para alcançar uma vida virtuosa, tal como é definida por essas tradições. Mas há uma enorme dificuldade em definir as fronteiras do que é secular, pois “*o secular é o ar que respiramos*” (HIRSCHIKIND, 2017, p.176.) “*The secular is so much part of modern life, is not to easy to grasp it directly. I think it is best pursued through its shadows, as it were*”. (ASAD, 2003, p.16). Inspirada por estas sombras de Talal Asad (2003), não sei se é possível afirmar que existe um corpo secular, mas no Prana Prasakti existe sim uma configuração particular do sensório humano de pelo menos outros cinco corpos.

⁴⁹ A forma inglesa to embody e seus derivados pelo neologismo foi traduzida neste artigo como “encorporar” proposto por Viveiros de Castro (1996, p. 138), tendo em vista que “encarnar” e “incorporar” não são adequados. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1996. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. *Mana*, 2(2): 115-144.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O despertar dos sentidos e o modo como corpos em reprogramação orgânica, energética, mental e espiritual habitam o mundo foram os principais pontos de partida para as análises aqui desenvolvidas. O primeiro capítulo foi guiado pelo paladar e ressaltou a íntima relação entre fome afetiva e fome biológica, além de questões como gosto, prazer e ego na alimentação. O ritual do Prana Prasakti não pretende fazer com que as pessoas deixem de se alimentar, e sim que tenham consciência do quanto este ato ressoa no universo. O desenvolvimento de uma consciência prânica implica numa compreensão de que existem consequências profundas e diretas do que fazemos, compramos e principalmente comemos no sofrimento do planeta. Comer é um ato mais do político para meus interlocutores. Portanto, a missão da família protagonista desta dissertação é incentivar e contribuir com um lento e gradual processo de evolução espiritual e cura planetária. O não comer durante 21 dias é somente uma das ferramentas das faces da concretização deste propósito.

A partir do capítulo 2, é possível refletir como o som e o silêncio são capazes de modular padrões vibratórios que produzem força e energia. Os CDs das orações que são vendidos no Portal Parvati se tornam mídias que fazem o religioso circular para além dos tradicionais espaços de culto produzindo outras experiências de tempo de espaço. A partir da circulação destes CDs, a egrégora temporal é potencializada numa frequência energética imensurável. A partir da escuta das orações e dos exercícios de silêncio, alimenta-se a si através da alimentação das egrégoras. A proposta da circulação desta dissertação é que ela seja acompanhada destes arquivos sonoros⁵⁰, para que o leitor tenha a oportunidade de experimentar participar da alimentação da egrégora temporal ouvindo a faixa que corresponda ao dia da semana às 18h – mesmo horário em que ocorre a oração no templo do Portal Parvati.

A busca por um ‘*ouvido etnográfico*’ que seja capaz de captar uma experiência auditiva de “corpo inteiro” inspirou as reflexões desenvolvidas ao longo do segundo capítulo. Os exercícios de silêncio não se restringem a interrupção da fala oral, é preciso silenciar a mente e calar as expressões da identidade do ego. A experiência espiritual da Presença se dá na maioria das vezes pelo som, e não pela palavra. Entretanto, não se trata de ouvir o som ao redor, e sim descobrir como ouvir o som que pulsa dentro de si mesmo.

O equilíbrio dos quatro corpos proposto pelo Prana Prasakti influencia diretamente no corpo, na alma e na mente no planeta Terra como é dito na oração de cura (faixa 20). O espaço

⁵⁰ Aconselho ouvir os arquivos sonoros com fones de ouvido. É possível ouvir com mais clareza o “além mundo da gravação”, os ruídos, os insetos, as respirações e os sons dos movimentos corporais são melhores percebidos através dos fones.

ocupado por Deus no terceiro e último capítulo, deixa de ser situado em um plano fora do mundo e passa, aos poucos, a habitar “no mundo” e habitar no interior de cada indivíduo. A *Presença* torna-se acessível por meio de experiências particulares de caráter místico e energético, fruto, especialmente, de um maior contato com a natureza. O chão é capaz de proporcionar experiências de encontro com o sagrado, encontros de uma mente em repouso e corpos em trânsito. Os pés descalços no labirinto são primordiais para cruzar os caminhos que levam ao centro do corpo físico, do corpo emocional, do corpo mental e do corpo espiritual.

Desde a década de 70, diversos países se reúnem num esforço diplomático para adotar medidas conjuntas com a finalidade de reduzir as mudanças climáticas. Conferências como a ECO-92, a Cúpula dos povos em paralelo com a RIO+20 e tratados como o Protocolo de Kyoto e o Acordo de Paris estão no cerne da discussão. A emergência de uma consciência planetária e os debates de uma antropologia dos mundos possíveis postulam o empenho pela sustentabilidade motivando um amplo debate pela defesa da vida na Terra. As práticas do Portal Parvati encontram-se inseridas no contexto das comunidades autossustentáveis do Brasil, e de sua organização também como um coletivo preocupado com o futuro do planeta.

O primeiro ENCA (Encontro Nacional das Comunidades Alternativas/Autossustentáveis) foi realizado em 1978 e desde então passou a ser anual e em diferentes lugares do país, sempre em comunidades que necessitavam de força de trabalho na fase inicial de sua estruturação. Com o crescimento e o fortalecimento dos encontros, houve a necessidade de uma maior organização que atuasse legalmente em prol do movimento. A ABRASCA – Associação Brasileira de Comunidades Alternativas/Autossustentáveis então foi criada em 1982 em São Lourenço – MG. Sua sede é localizada até hoje na comunidade em que realizei minha pesquisa de mestrado. A escolha da cidade para fundar a Comunidade *Aham Prema* e para sediar ABRASCA não é nada aleatória. São Lourenço é um pólo do mundo alternativo, e considerada por muitos a capital espiritual da Era de Aquário.

A organização, além de estruturar os encontros nacionais, tem como objetivo congrega as comunidades, catalogá-las, facilitar a troca de sementes e editar boletins. Os ENCA passaram a reunir pessoas que desejavam descobrir uma forma holística de viver. Yoga; dieta vegetariana; práticas medicinais alternativas como fitoterapia, radiestesia, florais, massagens, partos naturais, etc; educação ambiental; reflorestamento; meditação; reciclagem; artes; artesanato; construções alternativas estavam entre seus principais propósitos. Seus fundadores chamam a atenção para o caráter espiritual e o foco na cura planetária dessas reuniões.

As discussões sobre o fim do mundo e as consequências catastróficas de uma crise ambiental se tornaram um tema recorrente no imaginário atual. O consenso científico a respeito

das transformações em curso no regime termodinâmico do planeta se acumula com extrema rapidez, mobilizando tanto a percepção popular através de filmes e séries de ficção científica, por exemplo, quanto a reflexão acadêmica do que vem sendo categorizado como Antropoceno. O termo antropoceno é utilizado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. Não há data de início precisa e oficialmente apontada, mas muitos consideram que começa no final do Século XVIII, quando as atividades humanas começaram a ter um impacto global significativo no clima da Terra e no funcionamento de seus ecossistemas. Os humanos se tornaram uma força geológica capaz de moldar a paisagem global, comprometendo assim sua própria sobrevivência como espécie. Ou, dito de outro modo, o Antropoceno é o momento em que *os humanos deixam de apenas temer a catástrofe para se tornar a catástrofe*.

A partir do estilo de vista proposto não só pelo Portal Parvati, mas por diversas outras comunidades como a Aham Prema, os conceitos de sustentabilidade e regeneração planetária redefinem diversas fronteiras na vida social contemporânea. Diversos outros portais de análise se abrem a partir das práticas do cultivo de si e de uma crescente sacralização da Natureza. A busca constante por um corpo sustentável conquistado a partir de práticas como o ritual do *Prana Prasakti* são reflexos de estratégias poderosas no combate à crise planetária. O futuro da Terra, e a problematização do afastamento entre o Humano e a Natureza são pistas de um entrelaçamento de questões referentes a espiritualidades ecológicas e o que vem sendo categorizado por Antropoceno.

Concluo esta dissertação carregando a certeza de que uma tentativa de teorizar emoções e sensações vai muito além da semântica. A proposta de uma *‘experiência de pensamento’* a qual me refiro na introdução está no cerne do esforço crítico de novas estratégias de escrita e pesquisa que não se esgotam aqui. O presente trabalho é um esforço singelo de uma maior inclusão da experiência sensorial não visual na escrita e na pesquisa etnográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. *Mercator*, Fortaleza, v. 16, e16006, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mercator/v16/1984-2201-mercator-16-e16006.pdf>. Acesso: em Fevereiro / 2019.

ASAD, Talal. *Formations of the secular: Christianity, Islam, modernity*. Stanford, Calif.: Stanford University Press. 2003.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution and epistemology*. New York: Ballantine Books, 1972.

BATESON, Gregory. *Mente e natureza: uma unidade necessária*. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1986.

BEIG, Beatriz Bresighello. A prática vegetariana e os seus argumentos legitimadores: viés religioso. *Revista Nures* (Núcleo de Estudos Religião e Sociedade PUC-SP) n° 11 – Janeiro/Abril 2009. Disponível em: http://www4.pucsp.br/nures/Nures11/artigo_beatriz.pdf>. Acesso em: Janeiro/2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & Sociedade*. Campinas v. XI, n 2. P. 289-305, jul-dez.2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt> . Acesso em: Fevereiro/ 2019.

CHIESA, Gustavo Ruiz. À procura da vida: pensando com Gregory Bateson e Tim Ingold a respeito de uma percepção sagrada do ambiente. *Revista de antropologia*. (São Paulo, Online) | v. 60 n. 2: 410-435 | USP, 2017. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/137315>> Acesso em: Fevereiro /2019.

COUNIHAN, Carole M. Uma visão antropológica do prodigioso jejum de mulheres ocidentais. Dossiê de gênero e alimentação. *Cadernos pagu* (39), julho-dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332012000200002&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: Janeiro/2017.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Editora da UFRGS. Porto Alegre,2008.

CSORDAS, Thomas. Modalities of transnational transcendence. *Anthropological Theory* Vol 7(3), 2007. p. 259–272. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=.+Modalities+of+transnational+transcendence&oq=.+Modalities+of+transnational+transcendence&aqs=chrome..69i57.1533j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: Fevereiro /2019.

ERLMANN, Veit (ed)
Hearing Cultures: Essays on Sound, Listening and Modernity
Oxford: Berg, 2004

FERGUSON, Priscilla. The senses of taste. *The American Historical Review*, Vol. 116, No. 2 pp. 371-384 (April 2011). Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/23307701?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: Fevereiro/2019.

FAVRET-SAADA, Jeanne (1990). "Ser afetado". *Cadernos de Campo* (USP), n.13, pp. 155-161, 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/50263/54376>> Acesso em: Maio/2018.

GELL, Alfred. "The language of the Forest: Landscape and Phonological Iconism in Umeda". In *The Anthropology of Landscape: Perspectives of Place and Space*, Hirsch E. e O'Hanlon (eds.). Oxford: Oxford University Press, pp. 232-254, 1995.

GOLDMAN, Marcio. 2003. "Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos". Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, vol.46, n.2, São Paulo, pp. 423-444. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/0D/ra/v46n2/a12v46n2.pdf>>. Acesso em: Abril/2018.

HIRSCHKIND, Charles. (2006), *The ethical soundscape cassette sermons and Islamic counterpublics*. New York: Columbia

HIRSCHKIND, Charles. Existe um Corpo Secular? *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 37(1): 175-189, 2017.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. *Ponto Urbe* [Online] 3, 2008. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1925> . Acesso em: Janeiro /2019.

REHEN, Lucas Kastrup Fonseca. "Receber não é compor": música e emoção na religião do Santo Daime. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27(2): 181-212, 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200009> Acesso em: Fevereiro/2019.

LEONARDO, Maria. Antropologia da alimentação. *Revista Antropos* – Volume 3, Ano 2, Dezembro de 2009. Disponível em: <http://revista.antropos.com.br/downloads/dez2009/Artigo%201%20%20Antropologia%20da%20Alimenta%20E7%E3o%20-%20Maria%20Leonardo.pdf> Acesso em: 14/01/2017.

LUHRMANN, Tanya. *When God talks back: Understanding the American Evangelical relationship with God*. New York, 2012.

LUHRMANN, TM; NUSBAUM, Howard; THISTED, Ronald. The Absorption Hypothesis: Learning to Hear God in Evangelical Christianity. *American Anthropologist* [Volume 112, Issue 1](#), March 2010. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.15481433.2009.01197.x#pane-pcw-references> Acesso em: Fevereiro/2019.

MACHADO, Carly. “Imagine se tudo isso fosse verdade” O movimento raeliano entre verdades, ficções e religiões da modernidade. Tese de doutorado, UERJ, 2006.

MACHADO, Carly. Novos movimentos religiosos, Indivíduo e Comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 30(2): 145-163 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000200008> Acesso em: Maio/2018.

MALUF, Sônia Weidner. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da "Nova Era". *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 499-528, outubro 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132005000200007&lng=en&nrm=iso . Acesso em: Janeiro/2017.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007 (Coleção Debates, n.40).

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 1999.

MURRIETA, Rui Sérgio Sereni. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, V. 44 n° 2, 2001*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200002 . Acesso em: Fevereiro / 2019.

PEIXOTO, Lanna Beatriz Lima. “Descalço eu não erro o caminho”- A cidade delineada pelos sentidos. *Gestão e Desenvolvimento*, Novo Hamburgo, a. XIII, v. 13, n. 1, p. 56-65, 1º sem. 2016. Disponível em:< <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/360>> Acesso em: Fevereiro/2019.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, V. 44 n° 1, SÃO PAULO, USP, 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007> Acesso em: Janeiro/2019.

POLVINELLI, Elizabeth. As quatro figuras da “sexualidade” nos colonialismos de povoamento. *Cadernos pagu* (41), julho-dezembro de 2013. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n41/02.pdf>>. Acesso em: Jan/2018.

QUEIROZ, Jackeline Silva; BATISTA, Keila Moreira. Terapias vibracionais validadas enquanto práticas integrativas e complementares. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/congrecpics/trabalhos/TRABALHO_EV076_MD4_SA1_I_D1546_04092017165141.pdf . Acesso em: janeiro/2019.

RÉMY, Catherine. Accepter de se perdre. À propos de l'engagement ethnographique de Jeanne Favret-Saada. 2012. Disponível em: <http://gspm.ehess.fr/docannexe.php?id=1508> . Acesso em: Junho/2017.

ROBBEN, Antonius; SLUKA Jeffrey A. *Ethnographic Fieldwork An Anthropological Reader*, second edition, Wiley Blackwell ,2012.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. *ECOLOGIA, CORPO E ESPIRITUALIDADE: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas*. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 24, n. 61, p. 29-49, Jan./Abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24n61/03.pdf> Acesso em: Fevereiro/2019.

TONIOL, Rodrigo; STEIL, Carlos Alberto. *Nos rastros da natureza: A conversão da experiência rural em ecológica a partir de uma política de estado*. Appris editora, Curitiba, 2016.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*: tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana* v. 8, nº: 1 p.113-148, Abril, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100005> Acesso em: Fevereiro/2019.

LITERATURA NATIVA

JASMUHEEN. *Viver de luz: A fonte de alimento para o Novo Milênio*. 2ª Edição, 2000.

JASMUHEEN. *Em sintonia: A arte da ressonância*. Editora Ground, 2001.

JASMUHEEN. *Os embaixadores da Luz*. Editora Aquariana, 2002.

JASMUHEEN. *Divine Nutrition: The food of Gods*,2007.

JASMUHEEN. *Four body fitness : biofields & bliss*,2011.

OBEROM. *No fluir da felicidade: uma aventura sobre os passos santos*. Editora Alfabeto, 2ª Edição. São Paulo, 2016.

OBEROM. *Viajando na luz*. Editora Alfabeto, 4ª Edição. São Paulo, 2017.

ANEXOS.

Pasta dos arquivos sonoros mencionados no decorrer da dissertação, estão disponíveis para acesso a partir do link abaixo:

https://drive.google.com/open?id=1Og2d_24Ci4jdzII22N-bO3ChsIeKneP1

Fotografias do material original com as orações e as respectivas traduções dos cânticos em sânscrito também estão disponíveis no link.